UNE ✦ SACRA

Hinduísmo

Bhagavad Gita

✦ ✦ ✦

Tradição atribuída a Vyāsa

Tradução (edição 1.8)

Créditos

Autor	Tradição atribuída a Vyāsa
Data	c. séc. II a.C. – II d.C.
Idioma original	Sânscrito
Versão	Tradução (edição 1.8)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de Edwin Arnold
Fonte	Project Gutenberg — The Song Celestial
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

A Bhagavad Gītā, "o Canto do Senhor", é um diálogo de 700 versos inserido no Mahābhārata, no livro de Bhīṣma.

No campo de batalha de Kurukṣetra, diante dos exércitos prontos para a guerra, o príncipe Arjuna vê entre os inimigos parentes e mestres e se recusa a lutar.

Seu cocheiro, Kṛṣṇa, revela-se como o Ser Supremo e lhe ensina, em 18 capítulos, o dever (dharma), a ação sem apego aos frutos, o caminho do conhecimento, a devoção (bhakti) e a natureza imortal da alma. É o texto mais lido e traduzido do hinduísmo.

Os grandes mestres da filosofia indiana — Śaṅkara, Rāmānuja, Madhva — escreveram comentários sobre ela, e cada um encontrou ali a sua própria escola de pensamento.

Gandhi a chamava de "mãe" e a lia todos os dias; o físico Robert Oppenheimer lembrou um dos seus versos ao ver a primeira explosão atômica, em 1945.

A cena de Arjuna e Kṛṣṇa no carro de guerra é uma das imagens mais reproduzidas da arte hindu.

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/2388

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Manuscritos e imagens



Fólio de um manuscrito ilustrado da Bhagavad Gita em sânscrito, de 1824, com parte dos versos 20 e 21 do capítulo 1: Arjuna ergue o arco e fala a Krishna (British Library, Or. 13758).

British Library, Or. 13758, f. 12r — Wikimedia Commons · Alta resolução



Manuscrito em papel da Bhagavad Gita, do norte da Índia, século XIX, decorado com rosetas geométricas e ornamentos florais (Library of Congress, Divisão Asiática).

Library of Congress, Asian Division — Wikimedia Commons · Alta resolução

Fac-símiles e mais imagens:

- Mais imagens da Bhagavad Gita (Wikimedia Commons; confira a licença de cada uma)
  https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Bhagavad_Gita

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

CAPÍTULO 1

✦

Dhritirashtra

1 Postos assim para a batalha na planície sagrada —
Em Kurukshetra —, dize, Sanjaya! dize
O que fizeram os meus e os Pandavas?

Sanjaya

2 Quando contemplou a hoste dos Pandavas,
O Raja Duryodhana aproximou-se de Drona
E disse estas palavras: "Ah, Guru! vê esta linha,
Como é vasta, de guerreiros de Pandu,
Posta em ordem de batalha pelo filho de Drupada,
Teu discípulo na guerra! Nela estão alinhados
Chefes como Arjuna, chefes iguais a Bhima,
Curvadores de arcos; Virata, Yuyudhan,
Drupada, eminente sobre o seu carro,
Dhrishtaket, Chekitan, o robusto senhor de Kasi,
Purujit, Kuntibhoj e Saivya,
Com Yudhamanyu e Uttamauj,
O filho de Subhadra; e os de Drupadi — todos famosos!
Todos montados nos seus carros reluzentes!
Do nosso lado também — tu, o melhor dos Brâmanes! vê
Chefes excelentes, comandantes da minha linhagem,
Cujos nomes me alegra contar: tu mesmo primeiro,
Depois Bhishma, Karna, Kripa feroz na luta,
Vikarna, Aswatthaman; logo a seguir
O forte Saumadatti, com muitos mais,
Valentes e provados, prontos neste dia a morrer
Por mim, seu rei, cada um empunhando a sua arma,
Cada um hábil no campo. Mais fraca — parece-me —
Mostra-se a nossa batalha onde Bhishma comanda,
E Bhima, de frente para ele, um tanto forte demais!

Cuidem os nossos capitães junto às fileiras de Bhishma
De preparar a ajuda que puderem! Agora, soprai a minha concha!"

3 Então, ao sinal do velho rei,
Com um clangor que desperta o sangue, rolando em volta
Como o rugido de um leão, o trombeteiro
Soprou a grande Concha; e, ao seu ruído,
Trombetas e tambores, címbalos, gongos e chifres
Irromperam em súbito clamor; como as rajadas
De uma tempestade solta, assim parecia o tumulto!
Então se viu, sobre o seu carro de ouro
Atrelado a corcéis brancos, soprando as suas conchas de batalha,
Krishna, o Deus, com Arjuna ao seu lado:
Krishna, de cabelos em nós, soprou a sua grande concha
Talhada do "osso do Gigante"; Arjuna soprou
O dom sonoro de Indra; Bhima, o terrível —
Bhima, ventre de lobo — soprou uma longa concha de cana;
E Yudhisthira, o filho irrepreensível de Kunti,
Soprou uma concha poderosa, "Voz da Vitória";
E Nakula soprou estridente na sua concha
Chamada "Doce-Som", Sahadev na sua,
Chamada "Ornada de Gemas", e o Príncipe de Kasi na sua.
Sikhandi no seu carro, Dhrishtadyumn,
Virata, Satyaki, o Indomado,
Drupada com os seus filhos (ó Senhor da Terra!),
Os filhos de Subhadra de longos braços, todos sopraram alto,
De modo que o estrondo abalou os corações dos inimigos,
Com a terra a tremer e o céu a trovejar.

4 Foi então —
Vendo posta a batalha de Dhritirashtra,
Armas desembainhadas, arcos retesados, a guerra
Prestes a irromper — que Arjun, cujo estandarte
Era Hanuman, o macaco, disse isto
A Krishna, o Divino, seu cocheiro:
"Conduz, ó Destemido! para aquele terreno aberto
Entre os exércitos; quero ver mais de perto
Estes que lutarão conosco, os que devemos matar
Hoje, no juízo da guerra; pois, por certo,
Todos os que enchem esta planície estão decididos ao sangue,
Obedecendo ao filho pecador de Dhritirashtra."

5 Assim, rogado por Arjuna (ó Bharata!),
Entre as hostes aquele Cocheiro celeste
Conduziu o carro brilhante, refreando os corcéis brancos como leite,
Onde Bhishma comandava, e Drona, e os seus Senhores.
"Vê!", disse ele a Arjuna, "onde estão
Os teus parentes dos Kurus"; e o Príncipe
Viu de cada lado os parentes da sua casa,
Avós e pais, tios, irmãos e filhos,
Primos, genros e sobrinhos, misturados
Com amigos e anciãos honrados; uns deste lado,
Outros daquele: e, vendo os que se lhe opunham,
Tais parentes feitos inimigos — o coração de Arjuna
Derreteu-se de piedade, enquanto ele dizia isto:

Arjuna

6 Krishna! quando contemplo, vindos aqui para derramar
O seu sangue comum, aquela multidão dos nossos,
Os meus membros falham, a língua seca-se-me na boca,
Um arrepio percorre o meu corpo, e os meus cabelos
Eriçam-se de horror; da minha mão fraca escorrega
Gandiv, o belo arco; uma febre queima
A minha pele até a ressecar; mal posso ficar de pé;
A vida dentro de mim parece flutuar e desfalecer;
Nada prevejo senão dor e lamento!
Não é bom, ó Keshav! nada de bom
Pode brotar da matança mútua! Eis que odeio
O triunfo e o domínio, a riqueza e o conforto
Assim tristemente ganhos! Aho! que vitória
Pode trazer deleite, Govinda! que ricos despojos
Poderiam aproveitar; que reino recompensar; que tempo
Da própria vida parecer doce, comprado com tal sangue?
Vendo que estão aqui, prontos a morrer,
Aqueles por quem a vida era bela, e o prazer agradava,
E o poder se tornava precioso: avós, pais e filhos,
Irmãos, sogros e genros,
Anciãos e amigos! Hei de dar a morte a estes,
Ainda que procurem matar-nos? Nem um golpe,
Ó Madhusudan! desferirei para ganhar

7 O domínio dos Três Mundos inteiros; quanto menos, então,
Para tomar um reino terreno! Matá-los
Só pode gerar angústia, Krishna! Se forem
Culpados, tornar-nos-emos culpados pelas suas mortes;
Os seus pecados cairão sobre nós, se matarmos
Esses filhos de Dhritirashtra, e os nossos parentes;
Que paz poderia vir disso, ó Madhava?
Pois se, de fato, cegados pela luxúria e pela ira,
Estes não podem ver, ou não querem ver, o pecado
De linhagens reais derrubadas e parentes mortos,
Como não haveríamos nós, que vemos, de evitar tal crime —
Nós, que percebemos a culpa e sentimos a vergonha —
Ó tu, Delícia dos Homens, Janardana?
Pela ruína das casas perece
A sua doce e contínua piedade doméstica,
E — negligenciados os ritos, extinta a piedade —
Entra a impiedade naquele lar;
As suas mulheres perdem a feminilidade, de onde brotam
Paixões loucas e a mistura das castas,
Lançando por um caminho para o Inferno aquela família
E quem quer que lhe tenha causado a perdição por ira perversa.
Ainda mais: as almas dos antepassados honrados
Caem do seu lugar de paz, privadas
Dos bolos fúnebres e da pálida água dos mortos.
Assim ensinam os nossos hinos sagrados. Assim, se matarmos
Parentes e amigos por amor ao poder terreno,
Ahovat! que falta maligna seria!

Melhor julgo, se os meus parentes atacarem,
Enfrentá-los sem armas e expor o peito
À flecha e à lança, do que responder golpe com golpe.

[8] Assim falando, diante daquelas duas hostes,
Arjuna afundou-se no assento do seu carro
E deixou cair arco e flechas, com o coração doente.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 2

✦

Sanjaya

1 A ele, cheio de tal compaixão e de tal dor,
Com os olhos turvos de lágrimas, abatido, em palavras severas
O Cocheiro, Madhusudan, assim se dirigiu:

Krishna

2 Como te tomou esta fraqueza? De onde brota
Esta perturbação inglória, vergonhosa para os bravos,
Que barra o caminho da virtude? Não, Arjun!
Proíbe-te a debilidade! ela mancha
O teu nome de guerreiro! lança fora o acesso de covardia!
Desperta! Sê tu mesmo! Levanta-te, Flagelo dos teus Inimigos!

Arjuna

3 Como posso eu, na batalha, disparar flechas
Contra Bhishma, ou contra Drona — ó tu, Chefe! —
Ambos veneráveis, ambos homens honrados?

4 Melhor viver de pão de mendigo
Com os que amamos vivos,
Do que provar o seu sangue em ricos banquetes postos
E sobreviver culpado!
Ah! seria pior — quem sabe? — ser
Vencedor ou vencido aqui,
Quando nos enfrentam com ira
Aqueles cuja morte deixa a vida triste?
Perdido na piedade, agitado por dúvidas,
Os meus pensamentos — desnorteados — voltam-se
Para Ti, o Guia que mais reverencio,
Para que eu aprenda conselho:
Não sei o que curaria a dor
Queimada na alma e nos sentidos,
Se eu fosse chefe incontestado da terra —
Um deus — e estes tivessem partido!

Sanjaya

5 Assim falou Arjuna ao Senhor dos Corações
E, suspirando, "Não lutarei!", calou-se então.
A quem, com terno sorriso (ó Bharata!),
Enquanto o Príncipe chorava desesperado entre aquelas hostes,

KRISHNA

6 Tu te afliges onde não deve haver aflição! falas
Palavras sem sabedoria! pois os sábios de coração
Não choram nem pelos que vivem nem pelos que morrem.
Nem eu, nem tu, nem qualquer um destes
Jamais deixou de ser, nem jamais deixará de ser,
Para todo o sempre e daqui em diante.
Tudo o que vive, vive sempre! Ao corpo do homem
Assim como vêm a infância, a juventude e a velhice,
Assim vêm o erguer-se e o depor-se
De outras e outras moradas da vida,
O que os sábios sabem, e não temem. Isto que incomoda —
A tua vida dos sentidos, vibrando com os elementos —
Trazendo-te calor e frio, tristezas e alegrias,
É breve e mutável! Suporta-o, Príncipe!
Como os sábios suportam. A alma que não se abala,
A alma que com uma calma forte e constante
Recebe a tristeza e a alegria com indiferença,
Vive na vida que não morre! Aquilo que é
Nunca pode deixar de ser; aquilo que não é
Não existirá. Ver esta verdade de ambos
É dos que separam a essência do acidente,
A substância da sombra. Indestrutível,
Aprende! é a Vida, espalhando vida por tudo;
Ela não pode em parte alguma, por meio algum,
Ser de algum modo diminuída, detida ou mudada.
Mas estes corpos passageiros que ela anima

Com espírito imortal, sem fim, infinito,
Esses perecem. Que pereçam, Príncipe! e luta!
Aquele que disser: "Eis! matei um homem!"
Aquele que pensar: "Eis! fui morto!", ambos
Nada sabem! A Vida não pode matar. A Vida não é morta!
Nunca o espírito nasceu; o espírito nunca deixará de ser;
Nunca houve tempo em que não fosse; Fim e Princípio são sonhos!
Sem nascimento, sem morte e sem mudança permanece o espírito para sempre;
A morte não o tocou de modo algum, ainda que morta pareça a sua casa!

7 Quem o sabe inesgotável, sustentado por si,
Imortal, indestrutível — poderá tal homem
Dizer: "Matei um homem, ou fiz matar"?

8 Não; mas como quando alguém põe de lado
As suas vestes gastas
E, tomando novas, diz:
"Estas vestirei hoje!",
Assim o espírito depõe
Levemente a sua veste de carne
E passa a herdar
Uma morada nova.

9 Digo-te: as armas não alcançam a Vida;
A chama não a queima, as águas não podem submergi-la,
Nem os ventos secos a murcham. Impenetrável,
Inviolada, inatacada, ilesa, intocada,
Imortal, que tudo alcança, estável, segura,
Invisível, inefável, não abarcada
Pela palavra nem pelo pensamento, sempre toda ela mesma:
Assim é declarada a Alma! Como irás tu, então —
Sabendo-a assim —, afligir-te quando não deves afligir-te?
Como, se ouves que o homem recém-morto
É, como o homem recém-nascido, ainda homem vivo —
Um mesmo Espírito existente —, chorarás?
O fim do nascimento é a morte; o fim da morte
É o nascimento: isto está ordenado! e lamentas tu,
Chefe de braço robusto! o que acontece
E não poderia acontecer de outro modo? O nascimento
Dos seres vivos vem sem ser percebido; a morte
Vem sem ser percebida; entre eles, os seres percebem:
Que há de triste nisto, querido Príncipe?

10 Maravilhoso, pensativo de contemplar!
Difícil, duvidoso de falar!
Estranho e grande para a língua contar,
Audição mística para todos!
Nem sabe o homem que maravilha é esta,
Quando o ver, o dizer e o ouvir se acabaram!

11 Esta Vida dentro de todos os seres vivos, meu Príncipe!
Esconde-se para além do dano; desdenha, pois, sofrer
Por aquilo que não pode sofrer. Cumpre a tua parte!
Lembra-te do teu nome e não tremas!
Nada melhor pode suceder a uma alma marcial
Do que a guerra legítima; feliz o guerreiro
A quem vem a alegria da batalha — vem, como agora,
Gloriosa e bela, não buscada; abrindo-lhe
Uma porta para o Céu. Mas, se evitares
Este campo honroso — tu, um Kshattriya —,
Se, conhecendo o teu dever e a tua tarefa, deixares
Passar dever e tarefa — isso será pecado!
E os vindouros falarão de ti com infâmia
De era em era; e a infâmia é pior
De suportar para homens de sangue nobre do que a morte!
Os chefes nos seus carros de batalha
Julgarão que foi o medo que te afastou da refrega.
Dos que te tinham por alma poderosa terás de suportar
O desprezo, enquanto todos os teus inimigos
Espalharão de ti palavras amargas, zombando
Do valor que tinhas; que destino poderia cair
Mais penoso do que este? Ou — sendo morto —
Ganharás a segurança de Swarga, ou — vivo
E vencedor — reinarás como rei terreno.
Por conseguinte, levanta-te, Filho de Kunti! prepara
O teu braço para o combate, fortalece o coração para receber —
Como coisas iguais para ti — o prazer ou a dor,

> O ganho ou a ruína, a vitória ou a derrota:
> Assim disposto, cinge-te para a luta, pois assim
> Não pecarás!

12 Até aqui falo-te
Como segundo o "Sankhya" — sem espiritualidade —;
Ouve agora o ensinamento mais profundo do Yog,
Que, retendo-o e compreendendo-o, romperás
O teu Karmabandh, a servidão das obras feitas.
Aqui nenhum fim será impedido, nenhuma esperança frustrada,
Nenhuma perda será temida: a fé — sim, um pouco de fé —
Te salvará da angústia do teu temor.
Aqui, Glória dos Kurus! brilha uma só regra —
Uma regra firme —, enquanto as almas inconstantes têm leis
Muitas e duras. Especiosas, mas erradas, julga
As palavras daqueles mal instruídos que exaltam
A letra dos seus Vedas, dizendo: "Isto
É tudo o que temos, ou precisamos"; sendo fracos de coração
Por carências, buscadores do Céu — que vem, dizem,
Como "fruto das boas obras feitas"; prometendo aos homens
Muito proveito em novos nascimentos por obras de fé;
Abundando em ritos variados; seguindo os quais
Grande mérito se acumulará para riqueza e poder;
Contudo, os que mais desejam riqueza e poder
Menos firmeza de alma têm, menos domínio
Sobre a meditação celeste. Muito ensinam estes,
Dos Veds, acerca das "três qualidades";
Mas tu, sê livre das "três qualidades",
Livre dos "pares de opostos" e livre
Daquela triste retidão que calcula;
Senhor de ti, Arjuna! simples, satisfeito!

Olha! assim como um tanque verte água
Para todas as necessidades, assim estes Brâmanes tiram
Textos para todas as carências do tanque da Sagrada Escritura.
Mas tu, não careças! não peças! Acha a plena recompensa
De fazer o bem no próprio bem! Que as boas ações sejam
O teu motivo, não o fruto que delas vem.
E vive na ação! Trabalha! Faze dos teus atos
A tua piedade, lançando de lado todo o eu,
Desprezando ganho e mérito; igual
No bem ou no mal: a igualdade
É Yog, é piedade!

13 Porém, o ato reto
É menos, muito menos, do que a mente que pensa retamente.
Busca refúgio na tua alma; tem ali o teu céu!
Desdenha os que seguem a virtude pelos seus dons!
A mente de devoção pura — mesmo aqui —
Põe igualmente de lado as boas e as más ações,
Passando acima delas. À devoção pura
Devota-te: com a meditação perfeita
Vem o ato perfeito, e os de coração reto sobem —
Mais certamente por não buscarem ganho —
Para fora dos laços do corpo, passo a passo,
Aos mais altos assentos de bem-aventurança. Quando a tua alma firme
Tiver sacudido aqueles oráculos emaranhados
Que guiam na ignorância, então se elevará
Ao alto desinteresse pelo que é negado ou dito,
Deste modo ou daquele, na escritura doutrinal.
Já não perturbada pela ciência sacerdotal,
Viverá salva e segura, firmemente voltada
Para a meditação. Isto é Yog — e Paz!

Arjuna

14 Qual é o sinal daquele que tem esse coração firme,
Confirmado na santa meditação? Como
Conhecemos a sua fala, Kesava? Senta-se, move-se
Como os outros homens?

Krishna

15 Quando alguém, ó Filho de Pritha!,
Abandonando os desejos que abalam a mente,
Acha na sua alma pleno consolo para a sua alma,
Alcançou o Yog — tal é esse homem!
Nas tristezas não abatido, e nas alegrias
Não exultante; morando fora do ímpeto
Da paixão, do medo e da ira; fixo nas calmas
Da alta contemplação — tal homem
É Muni, é o Sábio, o verdadeiro Recluso!
Aquele que a ninguém e em parte alguma está preso
Por laços da carne, recebe as coisas más e as boas
Sem desanimar nem exultar, esse
Traz o sinal mais claro da sabedoria! Aquele que recolher,
Como a tartaruga sábia recolhe os seus quatro pés em segurança
Sob o seu escudo, os seus cinco frágeis sentidos
Sob o broquel do espírito, longe do mundo
Que de outro modo os assalta, esse, meu Príncipe!,
Tem o sinal da sabedoria! As coisas que solicitam os sentidos
Mantêm-se longe de quem se governa; sim, acontece
Que os apetites daquele que vive além
Se afastam — não mais despertados. Contudo, pode suceder,
Ó Filho de Kunti!, que uma mente governada
Sinta alguma vez varrê-la as tempestades dos sentidos e arrancar
Pela raiz o forte domínio de si. Que ele reconquiste
O seu reino! que vença isto e se sente
Atento a Mim. Só é sábio esse homem

Que mantém o domínio de si mesmo! Se alguém
Pondera nos objetos dos sentidos, brota
A atração; da atração cresce o desejo,
O desejo inflama-se em paixão feroz, a paixão gera
A imprudência; então a memória — toda traída —
Deixa ir o nobre propósito e mina a mente,
Até que propósito, mente e homem estejam todos perdidos.
Mas, se alguém lida com os objetos dos sentidos
Sem amar e sem odiar, fazendo-os
Servir à sua alma livre, que repousa serena como senhora,
Eis! tal homem chega à tranquilidade;
E dessa tranquilidade surgirá
O fim e a cura das suas dores terrenas,
Pois a vontade governada põe a alma em paz.
A alma do que não se governa não é sua,
Nem tem ele conhecimento de si; faltando este,
Como cresce a serenidade? e, faltando ela,
De onde esperará ele a felicidade?

16 A mente
Que se entrega a seguir as aparências dos sentidos
Vê arrancado o seu leme de sabedoria
E, como um navio nas ondas de um turbilhão, é levada
Ao naufrágio e à morte. Só naquele, grande Príncipe!,
Cujos sentidos não são dominados pelas coisas dos sentidos —
Só naquele que mantém o seu domínio —
Se mostra a sabedoria perfeita. O que é treva de meia-noite
Para as almas não iluminadas brilha como dia desperto
Ao seu olhar claro; o que parece dia desperto
É conhecido como noite, noite espessa de ignorância,
Pelos seus olhos que veem verdadeiramente. Tal é o Santo!

17 E como o oceano, dia após dia recebendo
Torrentes de todas as terras, que nunca transborda,
Sem saltar a sua linha de fronteira nem a abandonar,
Alimentado pelos rios, mas não inchado por eles; —

18 Assim é o perfeito! ao oceano da sua alma
O mundo dos sentidos verte correntes de feitiço;
Deixam-no como o encontram, sem comoção,
Recebendo o seu tributo, mas permanecendo mar.

19 Sim! quem, sacudindo o jugo da carne,
Vive como senhor, não servo, dos seus desejos; liberto
Do orgulho, da paixão, do pecado do "Eu",
Toca a tranquilidade! Ó Filho de Pritha!
Esse é o estado de Brahm! Não resta nenhum temor
Quando se alcança esse último passo! Viva onde viver,
Morra quando morrer, tal homem passa de todo lamento
Ao bendito Nirvana, alcançando-o com os Deuses.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 3

✦

Arjuna

1 Tu, a quem todos os mortais louvam, Janardana!
Se a meditação é coisa mais nobre
Do que a ação, por que, então, grande Kesava!,
Me impeles para esta luta terrível?
Agora estou perturbado pela tua fala duvidosa!
Dize-me uma coisa, e dize-ma com certeza:
Por que caminho acharei o melhor fim?

Krishna

2 Disse-te, Senhor irrepreensível! que há dois caminhos
Mostrados a este mundo; duas escolas de sabedoria.

3 Primeiro,
A do Sankhya, que salva pelo caminho das obras
Prescritas pela razão; depois, o Yog, que manda
Alcançar pela meditação, espiritualmente:
Contudo, estes são um só! Nenhum homem escapará ao ato
Evitando a ação; não, e ninguém chegará
Só por renúncias à perfeição.
Não, e nem um instante de tempo, em tempo algum,
Fica alguém sem ação; a lei da sua natureza
Obriga-o, mesmo contra a vontade, ao ato;
[Pois o pensamento é ato na imaginação.] Aquele que se senta
Reprimindo todos os instrumentos da carne,
Mas no seu coração ocioso pensando neles,
Faz o papel de hipócrita inepto e culpado:
Mas aquele que, com corpo forte servindo a mente,
Entrega os seus poderes mortais a obra digna,
Sem buscar ganho, Arjuna! esse
É honrado. Cumpre a tarefa que te cabe!
O trabalho é mais excelente do que a ociosidade;
A vida do corpo não prossegue sem trabalho.
Há uma tarefa de santidade a cumprir,
Diferente da labuta que prende ao mundo, que não prende
A alma fiel; cumpre esse dever terreno
Livre de desejo, e realizarás bem
O teu propósito celeste. Falou Prajapati —
No princípio, quando todos os homens foram feitos,
E, com a humanidade, o sacrifício —: "Fazei isto!

> Trabalhai! sacrificai! Crescei e multiplicai-vos
> Com o sacrifício! Este será Kamaduk,
> A vossa 'Vaca da Abundância', devolvendo o seu leite
> De toda a fartura. Adorai por ele os deuses;
> Os deuses vos darão graça. Os alimentos que desejais
> Os deuses concederão ao Trabalho, quando ele paga
> Dízimos na chama do altar. Mas se alguém come
> Os frutos da terra sem dar ao Céu benévolo
> Nenhum dom de labuta, esse ladrão rouba ao seu mundo."

[4] Os que comem do alimento depois do seu sacrifício
Estão livres de culpa, mas os que preparam um banquete
Só para si comem pecado e bebem pecado.
Pelo alimento vivem os vivos; o alimento vem da chuva,
E a chuva vem pelo sacrifício piedoso,
E o sacrifício é pago com dízimos de labuta;
Assim a ação é de Brahma, que é Um,
O Único, que Tudo Penetra; em todo tempo
Presente no sacrifício. Aquele que se abstém
De ajudar as rodas que giram deste grande mundo,
Saciando os seus sentidos ociosos, vive uma vida perdida,
Vergonhosa e vã. Existindo para si,
Concentrado em si, servindo só a si,
Não tem parte em coisa alguma; nada realizado,
Nada feito ou desfeito o toca; nenhuma esperança
De ajuda para todos os seres vivos da terra
Depende dele. Portanto, cumpre de bom grado a tua tarefa prescrita
Com espírito desapegado,
Pois no cumprimento do simples dever o homem
Sobe à sua mais alta bem-aventurança. Só pelas obras
Janak e os antigos santos alcançaram a bem-aventurança!
Além disso, para sustentar a tua espécie,
Deves abraçar a ação. O que os sábios escolhem
O povo insensato toma; o que os melhores homens fazem
A multidão seguirá. Olha para mim,
Filho de Pritha! nos três vastos mundos
Não estou preso a labuta alguma, nenhuma altura

Espera ser escalada, nenhum dom resta a ganhar,
E porém ajo aqui! e, se não agisse —
Diligente e vigilante —, os que olham para mim
Em busca de guia, recaindo de novo na preguiça
Porque eu dormisse, afastar-se-iam do bem,
E eu quebraria a ordem da terra e entregaria
Os seus filhos à ruína, Bharata!
Assim como os que não sabem labutam, presos aos sentidos,
Assim labutem os iluminados, livres dos sentidos, mas empenhados
Em trazer ao mundo a libertação e a sua bem-aventurança;
Não semeando naqueles corações simples e atarefados
A semente do desespero. Sim! que cada um faça a sua parte
Em tudo o que acha para fazer, com a alma sem jugo.
Todas as coisas são em toda parte feitas pela Natureza
Na interação das qualidades.
O tolo, enganado pelo eu, pensa: "Isto fiz eu"
E "Aquilo realizei eu"; mas — ah, tu, Príncipe de braço forte! —
Uma mente mais bem ensinada, conhecendo o jogo
Das coisas visíveis dentro do mundo dos sentidos,
E como as qualidades devem qualificar,
Mantém-se à parte até dos seus atos. Os não instruídos
Vivem misturados com eles, sem conhecer o caminho da Natureza,
Ignorantes dos fins mais altos, lentos e obtusos.
A esses não faças tropeçar, tu que tens a luz;
Mas, cumprindo todos os teus deveres, por amor de Mim,
Com a meditação centrada no interior,
Sem buscar proveito, satisfeito, sereno,

Indiferente ao resultado — luta! Os que guardarem
Assim a Minha ordenança, os corações sábios e dispostos,
Ficam quites de todo resultado dos seus atos;
Mas os que desprezam a Minha ordenança,
Pensando que sabem, nada sabem e caem na perda,
Confusos e insensatos. Em verdade, o instruído
Age segundo a sua espécie, seguindo o que mais lhe convém:
E as criaturas inferiores segundo a sua espécie; em vão
Se luta contra a lei. É forçoso que
Os objetos dos sentidos excitem os sentidos
Ao gosto e ao desgosto; contudo, o homem iluminado
Não se rende a eles, sabendo-os inimigos.
Finalmente, é melhor que cada um faça
A sua própria tarefa como puder, ainda que falhe,
Do que tomar tarefas que não são suas, ainda que pareçam boas.
Morrer cumprindo o dever não é mal;
Mas quem busca outros caminhos andará sempre errante.

Arjuna

5 Dize-me, porém, Mestre! por que força o homem
Vai para o seu mal sem querer, como se alguém
O empurrasse por aquele caminho mau?

KRISHNA

6 É Kama!
É a Paixão! nascida das Trevas,
Que o empurra. Poderosa de apetite,
Pecadora e forte é ela! — inimiga do homem!
Como a fumaça mancha o fogo branco, como a ferrugem aderente
Estraga o espelho brilhante, como o ventre envolve
O bebê por nascer, assim o mundo das coisas
É frustrado, manchado, encerrado neste desejo da carne.
Os sábios caem, presos nele; é o inimigo incansável
Da sabedoria, vestindo formas sem conta,
Belo mas enganador, sutil como uma chama.
Sentidos, mente e razão — estes, ó Filho de Kunti!,
São presa para ele; no seu jogo com eles
Enlouquece o homem, iludindo-o, cegando-o.
Por conseguinte, tu, o mais nobre filho de Bharata!,
Governa o teu coração! Refreia os sentidos enredados!
Resiste à falsa e suave pecaminosidade que mina
O conhecimento e o juízo! Sim, o mundo é forte,
Mas o que o discerne é mais forte, e a mente
Mais forte ainda; e muito acima de tudo, a Alma que governa.
Portanto, percebendo Aquele que reina supremo,
Emprega toda a força da Alma na tua própria alma!
Luta! vence inimigos e dúvidas, querido Herói! mata
O que te assombra em formas sedutoras e te quer trair!

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 4

✦

Krishna

1 Este Yoga imortal, esta união profunda,
Ensinei-o a Vivaswata, o Senhor da Luz;
Vivaswata deu-o a Manu; este
A Ikshwaku; assim passou pela linhagem
De todos os meus Rishis reais. Depois, com os anos,
A verdade escureceu e pereceu, nobre Príncipe!
Agora de novo te é declarada —
Esta ciência antiga, este mistério supremo —,
Pois vejo em ti um devoto e amigo.

Arjuna

2 O teu nascimento, querido Senhor, foi nestes dias recentes,
E o do brilhante Vivaswata precedeu o tempo!
Como compreenderei isto que dizes:
"Desde o princípio fui eu quem ensinou"?

Krishna

3 Múltiplas foram as renovações do meu nascimento,
Arjuna! e dos teus nascimentos também!
Mas os meus eu conheço, e os teus tu não conheces,
Ó Matador dos teus Inimigos! Embora eu seja
Não nascido, imortal, indestrutível,
O Senhor de todos os seres vivos, não menos —
Por Maya, pela minha magia que imprimo
Nas flutuantes formas da Natureza, o vasto primordial —
Venho, e vou, e venho. Quando a Retidão
Declina, ó Bharata! quando a Maldade
É forte, eu me ergo, de era em era, e tomo
Forma visível, e movo-me como homem entre os homens,
Socorrendo os bons, repelindo os maus
E pondo de novo a Virtude no seu trono.
Quem conhece a verdade acerca dos meus nascimentos na terra
E da minha obra divina, quando deixa a carne
Não volta a tomar o seu fardo, não cai mais
No nascimento terreno: a Mim ele vem, querido Príncipe!
Muitos são os que vêm! libertos do medo,
Da ira, do desejo; mantendo os seus corações
Fixos em mim — os meus Fiéis —, purificados
Pela chama sagrada do Conhecimento. Tais como estes
Misturam-se com o meu ser. Os que me adoram,
Esses eu exalto; mas todos os homens em toda parte
Cairão no meu caminho; contudo, aquelas almas
Que buscam recompensa pelas obras sacrificam

Agora aos deuses inferiores. Digo-te
Que aqui têm a sua recompensa. Mas Eu sou Aquele
Que fez as Quatro Castas e lhes repartiu um lugar
Segundo as suas qualidades e dons. Sim, Eu
Criei, Eu, o Repousado; Eu, que vivo
Imortalmente, fiz todos esses nascimentos mortais:
Pois as obras não mancham a minha essência, sendo obras
Feitas sem envolvimento. Quem me conhece agindo assim,
Não acorrentado pela ação, a ação não o prende;
E, percebendo isto, todos aqueles santos de outrora
Trabalharam, buscando a libertação. Trabalha tu
Como, nos dias passados, os teus pais trabalharam.

[4] Dizes, perplexo: Já foi perguntado antes
Por cantores e por sábios: "O que é o ato,
E o que é a inação?" Eu te ensinarei isto,
E, sabendo-o, aprenderás que obra salva.
É preciso meditar retamente nestas três coisas —
Fazer, não fazer e desfazer. Aqui
Espinhoso e escuro é o caminho! Aquele que vê
Como a ação pode ser repouso, e o repouso ação, esse
É o mais sábio entre os seus; ele tem a verdade!
Faz bem, agindo ou repousando. Livre
Em todas as suas obras das ferroadas do desejo,
Queimado e limpo no ato pelo fogo branco da verdade,
Os sábios chamam sábio a esse homem; e tal homem,
Renunciando ao fruto das ações, sempre contente,
Sempre satisfeito em si, se trabalha,
Nada faz que manche a sua alma separada,
Que — livre do medo e da esperança —, dominando o eu,
Rejeitando o impulso exterior, não dando
À necessidade do corpo senão o corpo, mora
Sem pecado no meio de todo pecado, recebendo com calma igual
O que vier, não movido pela dor,
Não movido pela alegria, sem inveja; o mesmo
Na boa e na má fortuna; de modo algum preso
Pelo laço das ações. Não; de tal homem,
Cujo anseio se foi, cuja alma está liberta,
Cujo coração está posto na verdade — de tal homem
A obra que faz é obra de sacrifício,

Que passa pura a cinza e fumaça,
Consumida sobre o altar! Tudo é então Deus!
O sacrifício é Brahm, o ghee e o grão
São Brahm, o fogo é Brahm, a carne que ele come
É Brahm, e a Brahm chega aquele
Que, em tal ofício, medita em Brahm.
Há alguns devotos que servem os deuses
Com carne e fumaça de altar; mas outros
Que, acendendo fogos mais sutis, fazem rito mais puro
Com a vontade de adorar. Entre estes estão
Os que, na chama branca da continência, consomem
As alegrias dos sentidos, os deleites dos olhos e dos ouvidos,
Renunciando à fala terna e ao som do canto:
E os que, acendendo fogos com a tocha da Verdade,
Queimam numa pedra de altar oculta a ventura
Da juventude e do amor, renunciando à felicidade:
E os que ali depõem como oferenda a sua riqueza,
A sua penitência, meditação, piedade,
A sua leitura assídua dos rolos, a sua ciência
Penosamente ganha com longas austeridades:
E os que, fazendo sacrifício silencioso,
Recolhem o sopro para alimentar a chama do pensamento
E o exalam para elevar o coração ao alto,
Governando a passagem de cada ar que entra
Para que não passe um suspiro que não ajude a alma:
E os que, dia após dia negando as necessidades,
Depõem a própria vida na chama do altar,

> Queimando o corpo pálido. Eis! todos estes guardam
> O rito da oferenda, como se imolassem
> Vítimas; e todos por ele apagam muito pecado.
> Sim! e os que se alimentam do alimento imortal
> Que sobra de tal sacrifício passam a Brahma,
> Ao Sem Fim. Mas aquele que não faz
> Sacrifício algum não tem parte nem quinhão
> Nem mesmo no mundo presente. Como teria parte
> Em outro, ó tu, Glória da tua Linhagem?

5 À vista de Brahma todas estas oferendas
São estendidas e aceitas! Compreende
Que todas procedem do ato; pois, sabendo isto,
Ficarás livre da dúvida. O sacrifício
Que o Conhecimento paga é melhor do que grandes dons
Oferecidos pela riqueza, pois o valor dos dons — ó meu Príncipe! —
Está na mente que dá, na vontade que serve:
E estas se ganham pela reverência, pela busca intensa,
Pela atenção humilde aos que veem a Verdade
E a ensinam. Conhecendo a Verdade, o teu coração já não
Doerá com o erro, pois a Verdade mostrará
Todas as coisas sujeitas a ti, como tu a Mim.
Ademais, Filho de Pandu! fosses tu o pior
De todos os malfeitores, este belo navio da Verdade
Levar-te-ia salvo e enxuto através do mar
Das tuas transgressões. Como a chama acesa
Se alimenta do combustível até se reduzir a cinza,
Assim a cinza, Arjuna! a nada
A chama do Conhecimento consome a escória das obras!
Não há purificador igual a ela
Em todo este mundo, e aquele que a busca
A achará — tornado perfeito — em si mesmo.
Crendo, recebe-a quando a alma
Se domina, e se apega à Verdade, e chega —
Possuindo o conhecimento — à paz mais alta,
Ao repouso supremo. Mas os não instruídos,
E os sem fé plena, e os que temem

> Estão perdidos; não há paz aqui nem em outra parte,
> Nem esperança, nem felicidade para quem duvida.
> Aquele que, senhor de si, venceu a dúvida,
> Separando o eu do serviço, a alma das obras,
> Iluminado e emancipado, meu Príncipe!,
> As obras não o acorrentam mais! Corta então em dois,
> Com a espada da sabedoria, Filho de Bharata!,
> Esta dúvida que prende as batidas do teu coração! rompe o laço
> Nascido da tua ignorância! Sê ousado e sábio!
> Entrega-te ao campo comigo! Levanta-te!

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 5

✦

Arjuna

1 Porém, Krishna! ora louvas
A cessação das obras, e ora
O serviço pelo trabalho. Destes dois dize claramente
Qual é o melhor caminho?

Krishna

2 Cessar das obras
É bom, e fazer obras em santidade
É bom; e ambos conduzem à bem-aventurança suprema;
Mas destes dois o melhor caminho é o daquele
Que, trabalhando com piedade, não se abstém.

3 Esse é o verdadeiro Renunciante, firme e fixo,
Que — nada buscando, nada rejeitando — permanece imune
Aos "opostos". Ó valente Príncipe!
Ao agir, tal homem desprende-se levemente de toda ação:
É o estudante novato que fala como se fossem dois,
Este Sankhya e este Yoga: os sábios sabem
Que quem cultiva um colhe o fruto dourado de ambos!
A região de alto repouso que os Sankhyanos alcançam
Os Yogins atingem. Quem vê estes dois como um só
Vê com olhos claros! Porém, tal abstração, Chefe!,
É difícil de alcançar sem muita santidade.
Quem está fixo na santidade, senhor de si,
Puro de coração, senhor dos sentidos e do eu,
Perdido na vida comum de tudo o que vive —
Um "Yogayukt" — é um Santo que segue
Direto para Brahm. Tal homem não é tocado
Pela mancha das ações. "Nada faço de mim mesmo!"
Assim pensará quem detém a verdade das verdades —
Ao ver, ouvir, tocar, cheirar; quando
Come, ou anda, ou respira; dorme ou fala,
Segura ou solta, abre os olhos ou os fecha;
Sempre seguro de que "É o mundo dos sentidos que joga
Com os sentidos". Aquele que age pensando em Brahm,
Separando o fim do ato, contente com o ato,
O mundo dos sentidos não pode manchar a sua alma
Mais do que as águas estragam a folha esmaltada do lótus.
Com a vida, com o coração, com a mente — sim, com a ajuda

Dos cinco sentidos —, deixando ir o eu,
Os Yogins labutam sempre pela libertação das suas almas.
Tais devotos, renunciando ao fruto das ações,
Ganham paz sem fim: os sem voto, presos à paixão,
Buscando fruto das obras, ficam acorrentados.
O sábio encarnado, recolhido na sua alma,
Em cada ato senta-se como um deus "na cidade
Que tem nove portas", sem fazer coisa alguma
Nem causar ação alguma. O Senhor deste mundo não faz
Nem a obra, nem a paixão pela obra,
Nem a cobiça pelo fruto da obra; é o próprio eu do homem
Que empurra a estas! O Mestre deste Mundo
Não toma sobre si as boas ou más ações
De homem algum — morando além! A humanidade erra aqui
Por loucura, escurecendo o conhecimento. Mas para aqueles
Cuja escuridão da alma é afugentada pela luz,
Esplêndida e clara brilha manifesta a Verdade,
Como se um Sol de Sabedoria surgisse para derramar
Os seus raios de aurora. Meditando sempre Nele,
Buscando-O, unidas a Ele, firmadas Nele,
As almas iluminadas tomam aquele caminho
Que não tem volta — lançados fora os seus pecados
Pela força da fé. [Quem quiser pode ter esta Luz;
Quem a tem, vê.] Para aquele que vê com sabedoria,
O Brâmane com os seus rolos e santidades,
A vaca, o elefante, o cão impuro,
O Pária que se farta de carne de cão, são todos um só.

[4] O mundo é vencido — sim! mesmo aqui! —
Por aqueles que fixam a sua fé na Unidade.
O Brahma sem pecado mora na Unidade,
E eles em Brahma. Não te alegres demais
Ao alcançar a alegria, nem te entristeças demais
Ao encontrar a dor, mas, firmado em Brahma, permaneça
Cada um constante! O sábio cuja alma
Se mantém longe dos contatos exteriores acha em si mesmo
A bem-aventurança; unido a Brahma pela piedade,
O seu espírito prova a paz eterna. As alegrias
Que brotam da vida dos sentidos são apenas ventres fecundos
Que geram dores certas: essas alegrias começam e acabam!
A mente sábia não sente prazer, Filho de Kunti!,
Em coisas tais! Mas se um homem aprender,
Ainda enquanto vive e carrega a corrente do seu corpo,
A dominar a luxúria e a ira, é bendito!
Ele é o Yukta; tem felicidade,
Contentamento, luz por dentro: a sua vida está fundida
Na vida de Brahma; ele toca o Nirvana!
Assim vão para o repouso os Rishis, que vivem
Com os pecados apagados, as dúvidas acabadas, os corações
Governados e calmos. Alegres em todo bem vivem,
Perto da paz de Deus; e assim vivem todos os
Que passam os seus dias isentos de cobiça e de ira,
Dominando o eu e os sentidos, conhecendo a Alma!

5 O Santo que fecha fora da sua alma plácida
Todo toque dos sentidos, não deixando passar nenhum contato;
Cujos olhos quietos olham fixos entre as sobrancelhas,
Cujo sopro que sai e sopro que entra são tomados
Iguais e lentos por narinas quietas e cerradas;
Esse — com órgãos, coração e mente refreados,
Voltado para a libertação, tendo afastado
A paixão, o medo e a raiva — obteve, já agora,
A libertação, livre para todo o sempre.
Sim! pois ele Me conhece, a Mim que sou Aquele que acolhe
O sacrifício e o culto, Deus revelado;
E Aquele que não acolhe, sendo Senhor dos Mundos,
Amante de tudo o que vive, Deus não revelado,
Em Quem quem quiser achará segurança e escudo!

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 6

✦

Krishna

1 Por conseguinte, quem faz a obra que é justo fazer,
Sem buscar ganho na obra, esse homem, ó Príncipe!,
É Sanyasi e Yogi — ambos num só;
E não é nenhum dos dois quem não acende a chama
Do sacrifício nem põe a mão na tarefa.

2 Considera verdadeiro Renunciante aquele que presta
Culto pelo trabalho, pois quem não renuncia
Não trabalha como Yogin. Por isso bem se diz:
"Pelas obras o devoto sobe à fé,
E a santidade é o cessar de todas as obras;
Porque o Yogin perfeito age — mas age
Não movido pelas paixões e não preso pelas ações,
Pondo de lado o resultado."

3 Que cada homem eleve
O Eu pela Alma, não pisoteie o seu Eu,
Pois a Alma que é amiga do Eu pode tornar-se inimiga do Eu.
A Alma é amiga do Eu quando o Eu governa o Eu,
Mas o Eu torna-se inimigo se o próprio eu da Alma
Odeia o Eu como se não fosse ele mesmo.

[4] A alma soberana
Daquele que vive governando-se e em paz
Está centrada em si mesma, recebendo igualmente
O prazer e a dor; o calor, o frio; a glória e a vergonha.
Ele é o Yogi, ele é Yukta, alegre
Com a alegria da luz e da verdade; morando à parte
Num cume, com os sentidos subjugados,
Para quem o torrão, a rocha, o ouro reluzente
Parecem todos um só. Por este sinal é conhecido:
Sendo de igual benevolência para com companheiros, amigos,
Quem chega por acaso, estranhos, amantes, inimigos,
Forasteiros e parentes; amando a todos igualmente,
Maus ou bons.

5 Recolhido deve sentar-se,
Meditando com firmeza, solitário,
Os pensamentos controlados, as paixões postas de lado,
Livre de posses. Num lugar belo e quieto
Tendo a sua morada fixa — nem muito elevado,
Nem muito baixo —, que ali permaneça, sendo os seus bens
Um pano, uma pele de gamo e a erva Kusa.
Ali, fixando firmemente a mente no Um,
Refreando o coração e os sentidos, silencioso, calmo,
Que realize o Yoga e alcance
A pureza da alma, mantendo imóveis
Corpo, pescoço e cabeça, o olhar absorto
Na ponta do nariz, arrebatado de tudo em volta,
Tranquilo de espírito, livre de medo, atento
Ao seu voto de Brahmacharya, devoto,
Meditando em Mim, perdido no pensamento de Mim.
Esse Yogin, tão devoto, tão controlado,
Chega à paz do além — a Minha paz, a paz
Do alto Nirvana!

6 Mas, quanto às necessidades terrenas,
A religião não é daquele que jejua demais
Ou se banqueteia demais, nem daquele que dorme
Com a mente ociosa; nem daquele que gasta
As forças em vigílias. Não, Arjuna! chama
Verdadeira piedade àquela que mais afasta
As dores e os males da terra, onde se é moderado
No comer e no descansar, e no divertir-se;
Medido no desejo e no ato; dormindo a tempo,
Acordando a tempo para o dever.

7 Quando o homem,
Vivendo assim, centra na sua alma o pensamento
Estreitamente refreado — intocado interiormente
Pela pressão dos sentidos —, então é Yukta. Vê!
Firme arde uma lâmpada abrigada do vento;
Tal é a semelhança da mente do Yogi,
Fechada às tempestades dos sentidos e ardendo brilhante para o Céu.
Quando a mente medita plácida, acalmada pelo santo hábito;
Quando o Eu contempla o eu, e em si mesmo
Tem consolo; quando conhece a alegria sem nome
Além de todo alcance dos sentidos, revelada à alma —
Só à alma! e, conhecendo-a, não vacila,
Fiel à Verdade mais distante; quando, retendo isto,
Não julga nenhum outro tesouro comparável,
Mas, abrigada ali, não pode ser movida nem abalada
Pela mais grave dor, chama a esse estado "paz",
A essa separação feliz Yoga; chama a esse homem
O Yogin perfeito!

8 Com firmeza a vontade
Deve labutar para isso, até que os esforços acabem em facilidade
E o pensamento tenha passado além do pensar. Sacudindo
Todos os anseios gerados por sonhos de fama e ganho,
Fechando bem as portas dos sentidos
Com guarda vigilante; assim, passo a passo, chega-se
Ao dom da paz assegurada e do coração acalmado,
Quando a mente mora envolta em si, e a alma medita
Sem estorvo. Mas, tantas vezes quantas o coração
Se soltar — selvagem e vacilante — do controle, tantas vezes
Que ele o refreie de novo, que o reconduza
Ao governo da alma; pois a bem-aventurança perfeita
Só cresce no peito tranquilizado,
No espírito sem paixão, purificado da ofensa,
Votado ao Infinito. Aquele que assim vota
A sua alma à Alma Suprema, deixando o pecado,
Passa sem impedimento à bem-aventurança sem fim
Da unidade com Brahma. Aquele assim votado,
Assim fundido, vê a Alma-Vida residente
Em todas as coisas vivas, e todas as coisas vivas
Contidas naquela Alma-Vida. E quem assim
Me discerne em tudo, e tudo em Mim,
Nunca o deixo ir; nem ele solta
O seu apego a Mim; mas, more onde morar,
Seja qual for a sua vida, em Mim mora e vive,
Porque Me conhece e Me adora, a Mim que moro
Em tudo o que vive, e se apega a Mim em tudo.

Arjuna! se um homem vê em toda parte —
Ensinado pela sua própria semelhança — uma só Vida,
Uma só Essência no Mal e no Bem,
Tem-no por Yogi, sim! bem aperfeiçoado!

Arjuna

9 Matador de Madhu! mais uma vez, este Yog,
Esta Paz, derivada da igualdade de ânimo,
Dada a conhecer por ti — não vejo firmeza
Nela, nem repouso, porque o coração dos homens
Não é firme, Krishna! é impetuoso, tumultuoso,
Obstinado e forte. Seria o mesmo, penso,
Segurar o vento caprichoso e domar o coração do homem.

Krishna

10 Herói de longos braços! sem dúvida é difícil
Refrear o coração do homem, e ele vacila;
Porém pode ser refreado pelo hábito, Príncipe!,
Pelo costume do domínio de si. Este Yog, digo-te,
Não vem facilmente aos que não se governam;
Mas aquele que quiser ser senhor de si
O ganhará, se se esforçar valentemente por ele.

Arjuna

11 E que caminho segue aquele que, tendo fé,
Falha, Krishna!, no esforço, recaindo
Da santidade, falhando a regra perfeita?
Não está perdido, desviando-se da luz de Brahma,
Como a nuvem vã que flutua entre a terra e o céu
Quando o relâmpago a fende e ela se desvanece?
De bom grado te ouviria responder-me nisto,
Pois, Krishna!, ninguém senão tu pode desfazer a dúvida.

KRISHNA

12 Ele não está perdido, Filho de Pritha! Não!
Nem a terra nem o céu lhe são perdidos,
Porque nenhum coração que guarda um desejo reto
Pisa o caminho da perdição! Aquele que falhar,
Desejando a retidão, chega na morte
À Região dos Justos; mora ali
Anos sem medida e, nascendo de novo,
Recomeça a vida em algum lar formoso
Entre os mansos e felizes. Pode suceder
Que desça a uma casa de Yogins,
No seio da Virtude; mas isso é raro! Tal nascimento
É difícil de obter nesta terra, Chefe!
Assim recupera as alturas de coração
Que alcançara, e assim se esforça de novo
Pela perfeição, com melhor esperança, querido Príncipe!
Pois pelo antigo desejo é atraído
Sem o saber; e só desejar
A pureza do Yog é passar
Além do Sabdabrahm, o Ved falado.
Mas, sendo Yogi, esforçando-se forte e longamente,
Purificado das transgressões, aperfeiçoado por nascimentos
Que se seguem a nascimentos, firma por fim os pés
No caminho mais distante. Tal homem está acima
Dos ascetas, mais alto que os sábios,
Além dos realizadores de vastos feitos! Sê tu
Yogi, Arjuna! E, entre tais, crê:

> O mais verdadeiro e o melhor é aquele que Me adora
> Com a alma mais íntima, firmado no Meu Mistério!

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 7

✦

Krishna

1 Aprende agora, querido Príncipe! como, se a tua alma estiver posta
Sempre em Mim — exercitando sempre o Yog,
Fazendo sempre de Mim o teu Refúgio —, chegarás
Com toda a certeza a possuir-Me perfeitamente.
Declarar-te-ei aquela ciência suprema,
Inteira e particular, que, quando a conheceres,
Nada mais deixa para conhecer aqui neste mundo.

2 De muitos milhares de mortais, um, talvez,
Se esforça pela Verdade; e dos poucos que se esforçam —
Sim, e se elevam alto —, um só, aqui e ali,
Me conhece como Eu sou, a própria Verdade.

3 Terra, água, chama, ar, éter, vida e mente,
E individualidade — estes oito
Compõem a Minha manifestação, o Manifesto.

[4] Esta é a minha Natureza inferior; aprende a superior,
Pela qual, ó Valente! este Universo
É produzido pelo seu princípio de vida;
Pela qual nascem os mundos das coisas visíveis
Como de uma Yoni. Sabe! Eu sou esse ventre:
Eu faço e desfaço este Universo:
Além de mim não há outro Mestre, Príncipe!
Nenhum outro Criador! Todos estes pendem de mim
Como pende uma fileira de pérolas no seu fio.
Eu sou o sabor fresco da água; eu
A prata da lua, o ouro do sol,
A palavra de adoração nos Veds, o frêmito
Que passa no éter, e a força
Da semente derramada do homem. Eu sou o bom e doce cheiro
Da terra umedecida, eu sou a luz vermelha do fogo,
O ar vital que se move em tudo o que se move,
A santidade das almas santificadas, a raiz
Imortal de onde brotou tudo o que é;
A sabedoria dos sábios, o intelecto
Dos instruídos, a grandeza dos grandes,
O esplendor dos esplêndidos. Filho de Kunti!
Estas coisas sou eu, livre de paixão e de desejo;
Porém sou o desejo reto em todos os que anseiam,
Chefe dos Bharatas! pois todos aqueles estados,
Verazes, ou apaixonados, ou ignorantes,
Que a Natureza forma, derivam de mim; mas todos
Estão fundidos em mim — não eu neles! O mundo —

Enganado por aquelas três qualidades do ser —
Não Me conhece, a Mim que estou fora delas todas,
Acima delas todas, Eterno! Difícil é
Traspassar aquele véu divino de aparências variadas
Que Me oculta; contudo, os que Me adoram
Traspassam-no e passam além.

5 Não sou conhecido
Pelos malfeitores, nem pelos insensatos,
Nem pelos vis e grosseiros; nem por aqueles
Cuja mente é enganada pela aparência das coisas,
Nem pelos que tomam o caminho dos Asuras.

6 Quatro espécies de mortais Me conhecem: o que chora,
Arjuna! e o homem que anseia por saber;
E o que labuta para ajudar; e o que se senta
Certo de mim, iluminado.

7 Destes quatro,
Ó Príncipe da Índia! o mais alto, o mais próximo, o melhor
É o último, a alma devota, sábia, atenta
Ao "Um". Querido acima de tudo sou Eu
Para ele; e ele é o mais querido para mim!
Todos os quatro são bons e Me buscam; mas os meus próprios,
Os verdadeiros de coração, os fiéis — firmados em mim,
Tomando-me como a sua suprema bem-aventurança —,
Esses não são "meus", mas eu — eu mesmo!
No fim de muitos nascimentos vêm a Mim!
Porém difícil é achar o sábio Mahatma,
Aquele homem que diz: "Tudo é Vasudev!"

8 Há também aqueles cujo conhecimento, desviado
Por este ou por aquele desejo, os leva a servir
Alguns deuses inferiores, com ritos variados, constrangidos
Por aquilo que os molda. A todos esses —
Adorem o santuário que quiserem, as formas que quiserem, com fé —
Sou Eu quem lhes dá a fé! Estou contente!
O coração que assim pede favor ao seu Deus,
Escurecido mas ardente, obtém o fim que deseja,
A bênção menor — mas sou Eu quem a dá!
Porém depressa murcha o pequeno fruto que colhem:
Esses homens de mente pequena, que adoram assim,
Vão para onde adoram, passando com os seus deuses.
Mas os Meus vêm a mim! Cegos são os olhos
Que julgam manifesto o Não Manifestado,
Sem Me compreender no meu verdadeiro Eu!
Imperecível, invisível, não declarado,
Oculto por trás do meu véu mágico de aparências,
Não sou visto por todos; não sou conhecido —
Não nascido e imutável — pelo mundo ocioso.
Mas eu, Arjuna! conheço todas as coisas que foram,
E todas as que são, e todas as que hão de ser,
Embora nenhuma delas Me conheça!

9 Pela paixão pelos "pares de opostos",
Por esses dois laços do Gostar e do Desgostar, Príncipe!,
Todas as criaturas vivem desnorteadas, exceto alguns poucos
Que, livres de pecados, santos no agir, instruídos,
Libertos dos "opostos" e fixos na fé,
Se apegam a Mim.

10 Os que se apegam, que buscam em Mim
Refúgio do nascimento e da morte, esses têm a Verdade!
Esses Me conhecem como BRAHMA; conhecem-Me como Alma das Almas,
O ADHYATMAN; conhecem o KARMA, a minha obra;
Sabem que sou ADHIBHUTA, Senhor da Vida,
E ADHIDAIVA, Senhor de todos os Deuses,
E ADHIYAJNA, Senhor do Sacrifício;
Adoram-Me bem, com corações de amor e de fé,
E acham-Me e retêm-Me na hora da morte.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 8

✦

Arjuna

1 Quem é esse BRAHMA? Que é essa Alma das Almas,
O ADHYATMAN? Que é, ó Tu, o Melhor de Todos!,
A tua obra, o KARMA? Dize-me o que é
Aquilo a que chamas ADHIBHUTA? Que significa,
Por sua vez, ADHIDAIVA? Sim, e como acontece
Que possas ser ADHIYAJNA na tua carne?
Matador de Madhu! Ademais, faze-me saber
Como os homens bons Te acham na hora da morte.

KRISHNA

2 Eu sou BRAHMA! o Único DEUS Eterno,
E ADHYATMAN é o nome do Meu Ser,
A Alma das Almas! O que sai de Mim,
Fazendo viver toda a vida, chama-se KARMA:
E, Manifestado em formas divididas,
Sou o ADHIBHUTA, Senhor das Vidas;
E ADHIDAIVA, Senhor de todos os Deuses,
Porque sou PURUSHA, que gera.
E ADHIYAJNA, Senhor do Sacrifício,
Eu — falando contigo neste corpo aqui —
Sou, ó tu, encarnado! (pois todos os santuários
Ardem para Mim!) E, na hora da morte,
Aquele que meditou só em Mim,
Ao despir a sua carne, vem a Mim,
Entra no Meu Ser — não duvides!
Mas, se meditou de outro modo
Na hora da morte, ao despir a carne,
Vai para aquilo que buscava, Filho de Kunti!,
Porque a Alma é moldada ao que lhe é semelhante.

3 Tem-Me, pois, sempre no teu coração! e luta!
Tu também, quando o coração e a mente estiverem fixos em Mim,
Virás seguramente a Mim! Vêm todos os que se apegam
Com vontade nunca vacilante de fé firmíssima,
Sem reconhecer outros Deuses: todos vêm a Mim,
O Supremo, Purusha, o Santíssimo!

4 Quem Me conheceu, Senhor do sábio e do cantor,
Antigo de dias; Sustentáculo dos Três Mundos,
Sem limites — mas a cada átomo Portador
Daquilo que o vivifica: quem, digo,

5 Conheceu a Minha forma, que excede o saber mortal;
Viu o meu fulgor — que nenhum olho viu —,
Mais brilhante que o ouro ardente do sol,
Dispersando as trevas — a esse foi dada

6 A vida reta! E, na hora em que a vida termina,
Com a mente firme e piedade confiante,
Tomando um sopro quieto sob a fronte calma e inflexível,
Em paz feliz morre esse fiel —

7 Em paz alegre passa ao céu de Purusha.
O lugar que os que leem os Vedas chamam
AKSHARAM, "o Último"; para onde se esforçaram
Santos e ascetas — o seu caminho é o mesmo.

8 Por esse caminho — o caminho mais alto — vai aquele que fecha
As portas de todos os seus sentidos, encerra o desejo
Seguro no coração, concentra os ares vitais
No seu pensamento de partida, firmemente posto;
E, murmurando OM, a sílaba sagrada —
Emblema de BRAHM —, morre meditando em Mim.

9 Pois aquele que, sem olhar para outros Deuses, olha
Sempre para Mim, facilmente sou alcançado
Por tal Yogi; e, alcançando-Me,
Não recaem — esses Mahatmas — no nascimento,
Na vida, que é o lugar da dor, que acaba,
Mas tomam o caminho da suprema bem-aventurança.

10 Os mundos, Arjuna! — até o mundo de Brahma —
Rolam de novo da Morte para a inquietação da Vida;
Mas os que, ó Filho de Kunti!, chegam a Mim
Não provam mais o nascimento. Se conheceis o Dia de Brahma,
Que é mil Yugas; se conheceis
Os mil Yugas que fazem a Noite de Brahma,
Então conheceis o Dia e a Noite como Ele os conhece!
Quando rompe aquela vasta Aurora, o Invisível
É trazido de novo ao Visível;
Quando escurece aquela Noite profunda, tudo o que é
Regressa Àquele que o enviou;
Sim! esta vasta companhia de seres vivos —
Produzida uma e outra vez — expira
Ao cair da Noite de Brahma; e, na Aurora de Brahma,
Ergue-se, sem o querer, para a vida renascida.
Mas — mais alta, mais profunda, mais íntima — permanece
Outra Vida, não como a vida dos sentidos,
Que escapa à vista, imutável. Esta perdura
Quando todas as coisas criadas passaram:
Esta é aquela Vida chamada o Não Manifestado,
O Infinito! o Todo! o Supremo.
Quem lá chega não retorna. Essa Vida
É Minha, e Eu estou lá! E, Príncipe!, pela fé
Que não vagueia, há um caminho para chegar
Lá. Eu, o PURUSHA, Eu que estendo
O Universo à minha volta — em Quem moram
Todos os Seres vivos —, posso assim ser alcançado e visto!

11 . . . . . .

12 Mais rica que o fruto sagrado que cresce nos Vedas,
Maior que os dons, melhor que a prece ou o jejum,
É tal sabedoria! O Yogi, conhecendo este caminho,
Chega por fim à Paz Suprema e Perfeita.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 9

✦

Krishna

1 Agora te abrirei — a ti, cujo coração
Não rejeita — aquela última ciência, a mais profundamente oculta,
Aquele segredo mais distante dos Meus Céus e Terras,
Que só de conhecer te livrará dos males —
Uma ciência real! um mistério de Rei!
Sim! para a alma, uma luz tal que a purifica
De todo pecado; uma luz de santidade
Que brilha com esplendor íntimo; clara de ver;
Fácil de seguir, inesgotável!

2 Os que não recebem isto, faltando-lhes fé
Para apreender a sabedoria maior, não chegam a Mim,
Destruidor dos teus inimigos! Afundam de novo
No reino da Carne, onde todas as coisas mudam!

3 Por Mim todo o vasto Universo das coisas
É estendido — por Mim, o Não Manifestado!
Em Mim estão contidas todas as existências;
Não Eu nelas!

4 Contudo, elas não estão contidas,
Essas coisas visíveis! Recebe e esforça-te por abarcar
O mistério majestoso! O Meu Ser —
Criando tudo, sustentando tudo — mora ainda
Fora de tudo!

5 Vê! assim como os ares sem margens
Se movem no espaço sem medida, mas não são o espaço,
[E o espaço seria espaço sem os ares que se movem];
Assim todas as coisas estão em Mim, mas não são Eu.

6 No fim de cada Kalpa, Príncipe da Índia!,
Todas as coisas que existem voltam ao Meu Ser:
No princípio de cada Kalpa, todas
Saem de Mim, recém-nascidas.

7 Pela Energia
E com a ajuda de Prakriti, o meu Eu exterior,
Uma e outra vez faço sair
Os reinos das coisas visíveis — sem a vontade delas —,
Todos eles — pelo poder de Prakriti.

8 Contudo, estas grandes criações, Príncipe!, não Me envolvem,
Não Me acorrentam! Estou sentado à parte delas,
Outro, e Mais Alto, e Livre; de modo algum apegado!

9 Assim a matéria dos mundos, moldada por Mim,
Produz tudo o que é, móvel ou parado,
Vivo ou sem vida! Assim os mundos prosseguem!

10 As mentes não instruídas Me desconhecem, velado em forma;
Nada veem da Minha Presença secreta, nada
Da Minha Natureza oculta, que governa tudo o que vive.
Perseguindo esperanças vãs, fazendo obras vãs, alimentados
Do mais vão conhecimento, buscam insensatamente
Um caminho mau, o caminho dos brutos e dos demônios.
Mas os Meus Mahatmas, os de alma nobre
Que pisam o caminho celeste, adoram-Me
Com corações que não vagueiam — conhecendo-Me como a Fonte,
A Fonte Eterna, da Vida. Sem fim
Me glorificam; buscam-Me; guardam os seus votos
De reverência e amor, com fé imutável
Adorando-Me. Sim, e adoram também
Os que, oferecendo o sacrifício de corações despertos,
Têm o sentido do impulso de um só Espírito que tudo penetra,
Uma só Força em todo lugar, embora múltipla!
Eu sou o Sacrifício! Eu sou a Prece!
Eu sou o Bolo Fúnebre posto para os mortos!
Eu sou a erva que cura! Eu sou o ghee,
O Mantra, e a chama, e aquilo que arde!
Eu sou — de todo este Universo sem limites —
O Pai, a Mãe, o Antepassado e o Guardião!
O fim do Saber! Aquilo que purifica
Na água lustral! Eu sou OM! Eu sou
O Rig-Veda, o Sama-Veda, o Yajur-Ved;
O Caminho, o Sustentador, o Senhor, o Juiz,
A Testemunha; a Morada, a Casa de Refúgio,

O Amigo, a Fonte e o Mar da Vida
Que envia e engole; Tesouro dos Mundos
E Câmara do Tesouro! Semente e Semeador,
De onde brotam colheitas sem fim! O calor do Sol é meu;
A chuva do Céu é minha para conceder ou reter;
Sou a Morte, e sou a Vida Imortal,
Arjuna! SAT e ASAT, a Vida Visível
E a Vida Invisível!

11 Sim! os que aprendem
Os Veds tríplices, que bebem o vinho de Soma,
Purificam pecados, pagam sacrifícios — de Mim ganham
Passagem para Swarga; onde os alimentos divinos

12 Dos grandes deuses os sustentam no alto céu de Indra.
Porém eles, quando essa alegria prodigiosa termina,
Gasto o paraíso, e paga a recompensa dos méritos,
Vêm de novo ao mundo da morte e da mudança.

13 Tiveram a sua recompensa! acumularam o seu tesouro,
Seguindo a Escritura tríplice e o seu preceito;
Quem busca tal coisa ganha o prazer passageiro
Da alegria que vem e vai! Eu lho concedo!

14 Mas àqueles benditos que Me adoram,
Sem se voltar para outro lado, com as mentes firmes,
Trago a garantia da plena bem-aventurança do além.

15 Sim, e dos corações que seguem outros deuses
Com fé simples, as suas preces sobem a mim,
Ó Filho de Kunti!, embora orem erradamente;
Pois Eu sou o Recebedor e o Senhor
De todo sacrifício, o que estes não sabem
Retamente; assim caem de novo na terra!
Os que seguem deuses vão aos seus deuses; os que votam
As suas almas aos Pitris vão aos Pitris; as mentes
Entregues aos Bhuts malignos afundam nos Bhuts;
E quem Me ama vem a Mim.
Quem Me oferecer com fé e amor
Uma folha, uma flor, um fruto, água derramada,
Essa oferenda aceito, feita com amor
E vontade piedosa. O que quer que faças, Príncipe!,
Comendo ou sacrificando, dando dons,
Orando ou jejuando, que tudo seja feito
Por Mim, como Meu. Assim te libertarás
Do Karmabandh, a corrente que prende os homens
Ao resultado bom e mau; assim chegarás
Salvo a Mim — quando te livrares da carne —,
Unido a Mim pela fé e pela renúncia!

16 Sou igual para todos! Não conheço o ódio,
Não conheço o favor! O que é feito é Meu!
Mas os que Me adoram com amor, eu os amo;
Eles estão em Mim, e Eu neles!

17 Sim, Príncipe!
Se alguém de vida má se voltar no seu pensamento
Diretamente para Mim, conta-o entre os bons;
Escolheu o caminho alto; tornar-se-á
Justo em breve; alcançará aquela paz
Que não muda. Tu, Príncipe da Índia!,
Tem a certeza de que ninguém pode perecer confiando em Mim!
Ó Filho de Pritha! quem quer que se volte para Mim,
Ainda que nascido do próprio ventre do Pecado,
Mulher ou homem; nascido da casta Vaisya
Ou do humilde e desprezado Sudra — todos
Pisam o caminho mais alto; quanto mais, então,
Os santos Brâmanes e os Meus Santos Reais?
Ah! vós que viestes a este mundo mau —
Passageiro e falso —, fixai a vossa fé em Mim!
Fixai em Mim o coração e o pensamento! Adorai-Me! Trazei-Me
Oferendas! Prostrai-vos diante de Mim! Fazei
De Mim a vossa alegria suprema! e, sem divisão,
Ao Meu repouso os vossos espíritos serão guiados.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 10

✦

KRISHNA

1 Ouve ainda mais, Senhor de Longos Braços! estas últimas palavras que digo —
Proferidas para te trazer bem-aventurança e paz, a ti que Me amas sempre —:
Nem a grande companhia dos deuses nem os Rishis reais conhecem
A Minha Natureza, a Mim que fiz os deuses e os Rishis há muito tempo;
Só ele sabe — só ele está livre de pecado, e é sábio —
Quem Me vê, Senhor dos Mundos, com olhos iluminados pela fé,
Não nascido, imortal, sem princípio. Quaisquer Naturezas que sejam
Distribuídas aos homens mortais, essas naturezas brotam de Mim!
Intelecto, habilidade, iluminação, resistência, domínio de si,
Veracidade, igualdade de ânimo, e dor ou alegria da alma,
E nascimento e morte, e temor, e destemor, e vergonha,
E honra, e doce inocuidade, e a paz que é a
mesma
Aconteça o que acontecer, e alegria, e lágrimas, e piedade, e parcimônia,
E desejo de dar, e vontade de ajudar — tudo vem do Meu dom!
Os Sete Santos Principais, os Quatro Anciãos, os Senhoriais Manus postos —
Partilhando a Minha obra — para governar os mundos, também esses Eu gerei;
E Rishis, Pitris, Manus, todos, por um só pensamento da Minha mente;
Dali surgiram, para encher este mundo, as raças da humanidade;
Por isso quem compreende o Meu Reino de Majestade mística —
Aquela verdade das verdades — fica desde então unido a Mim em fé sem falha:

Sim! sabendo-Me a fonte de tudo, por Mim feitas todas as criaturas,
Os sábios de espírito apegam-se a Mim, levados ao Meu Ser;
Corações fixos em Mim; sopros soprados para Mim; louvando-Me uns aos outros,
Assim têm felicidade e paz, com pensamento e fala piedosos;
E a estes — que assim servem bem, que assim amam sem cessar —
Dou uma mente de disposição perfeita, pela qual se aproximam de Mim;
E, tudo por amor deles, dentro das suas almas escurecidas Eu moro
E, com os raios brilhantes da lâmpada da sabedoria, dissipo a sua ignorância.

Arjuna

2 Sim! Tu és Parabrahm! A Alta Morada!
A Grande Purificação! Tu és Deus
Eterno, Criador de Tudo, Santo, Primeiro,
Sem princípio! Senhor dos Senhores e dos Deuses!
Declarado por todos os Santos — por Narada,
Vyasa, Asita e Devalas;
E aqui Tu mesmo o declaras a mim!
O que agora disseste sei que é verdade,
Ó Kesava! que nem deuses nem homens
Nem demônios compreendem o Teu mistério
Tornado manifesto, Diviníssimo! Tu mesmo,
Só Tu Te conheces, Criador Supremo!
Mestre de todos os vivos! Senhor dos Deuses!
Rei do Universo! Só a Ti
Cabe contar a excelência celeste
Daquelas perfeições com que enches
Estes Teus mundos; ó Penetrante, Imanente!
Como aprenderei, Supremo Mistério!,
A conhecer-Te, embora medite continuamente?
Sob que forma das Tuas formas sem número
Podes ser apreendido? Ah! conta de novo,
Clara e inteiramente, as Tuas grandes aparições,
Os segredos da Tua Majestade e do Teu Poder,
Tu, Alta Delícia dos Homens! Nunca bastante
Podem os meus ouvidos beber o Amrit de tais palavras!

KRISHNA

3 Hanta! Assim seja! Príncipe Kuru! desdobrarei para ti
Algumas partes da Minha Majestade, cujos poderes são múltiplos!
Eu sou o Espírito sentado no fundo do coração de cada criatura;
De Mim vêm; por Mim vivem; à Minha palavra partem!
Dos Adityas sou Vishnu, esses Senhores da Luz;
Dos Maruts, Maritchi, os Reis da Tempestade e da Praga;
De dia resplandeço, o Sol dourado do Meio-Dia ardente e sem nuvens;
De Noite, entre os astros deslizo, a Lua malhada!
Dos Vedas sou o Sama-Ved, dos deuses no Céu de Indra
Vasava; das faculdades dadas aos seres vivos,
A mente que apreende e pensa; dos Rudras, Sankara;
Dos Yakshas e dos Rakshasas, Vittesh; e Pavaka
Dos Vasus, e dos picos das montanhas o Meru; Vrihaspati
Conhece-Me entre os Poderes planetários; entre os Guerreiros celestes,
Skanda; de todas as torrentes de água, o Mar que bebe cada uma,
E Bhrigu dos santos Sábios, e OM da fala sagrada;
Das preces, a prece que sussurrais; das colinas, a neve do Himala,
E Aswattha, a figueira, de todas as árvores que crescem;
Dos Devarshis, Narada; e Chitrarath dos que
Cantam no Céu, e Kapila dos Munis, e a joia
Dos corcéis voadores, Uchchaisravas, que irrompeu da onda de Amrit;
Dos elefantes, Airavata; dos varões, o Melhor e Primeiro;
Das armas, o raio ardente do Céu; das vacas, a branca Kamadhuk,
De cujas grandes tetas leitosas se tiram todos os desejos dos corações;
Vasuki das tribos de serpentes, enroscado em volta do Mandara;
E Ananta de mil presas, sobre cujos largos anéis reclinado

Se apoia Vishnu; e das coisas aquáticas, Varuna; Aryam
Dos Pitris, e, dos que julgam, sou Yama, o Juiz;
Dos Daityas, o temível Prahlada; do que mede os dias e os anos,
Sou o próprio Tempo; dos animais do bosque — búfalos, cervos e ursos —,
O tigre senhorial e pintado; das aves, o vasto Garud,
O turbilhão entre os ventos; entre os chefes, Rama banhado em sangue,
Makar entre os peixes do mar, e o Ganges entre os rios;
Sim! Primeiro, e Último, e Centro de tudo o que é ou parece
Sou Eu, Arjuna! a Sabedoria Suprema do que é sábio,
Sou as palavras nos lábios que as proferem, e a vista dos olhos,
E o "A" dos caracteres escritos, o Dwandwa da fala composta,
E a Vida Sem Fim, e o Amor sem limites, cujo poder sustenta cada um;
E a amarga Morte que tudo agarra, e o alegre e súbito Nascimento,
Que traz à luz todos os seres que hão de existir na terra;
E das virtudes invisíveis sou a Fama, a Fortuna, o Canto,
E a Memória, e a Paciência; e a Habilidade, e a Constância:
Dos hinos védicos, o Vrihatsam; dos metros, a Gayatri;
Dos meses, o Margasirsha; de todas as três estações,
A Primavera coroada de flores; no jogo dos dados, o vencedor Duplo-Oito;
O esplendor dos esplêndidos, e a grandeza dos grandes,
Sou a Vitória, e a Ação! e a bondade dos bons,
E Vasudev da raça de Vrishni, e desta prole de Pandu,
Tu mesmo! — Sim, meu Arjuna! tu mesmo; pois tu és Meu!
Dos poetas, Usana; dos santos, Vyasa, sábio divino;
A política dos conquistadores, a potência dos reis,

O grande silêncio ininterrupto nas coisas secretas do saber;
A ciência de todos os doutos, a semente de tudo o que brota.
Vivo ou sem vida, parado ou em movimento, sejam quais forem os seres,
Nenhum deles está em todos os mundos sem existir por Mim!
Nem a língua pode contar, Arjuna!, nem chegar ao fim do relato
Destas Minhas glórias sem limite, das quais te ensino algumas;
Pois onde quer que haja obra maravilhosa, e majestade, e poder,
De Mim tudo procedeu. Recebe isto retamente!
Contudo, como receberias, ó Príncipe!, a vastidão desta palavra?
Eu, que sou tudo e tudo fiz, permaneço o seu Senhor separado!

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 11

✦

Arjuna

1 Isto, para a paz da minha alma, ouvi de Ti:
O desdobrar do Mistério Supremo
Chamado Adhyatman; compreendendo-o,
A minha escuridão se dissipa; pois agora sei —
Ó de Olhos de Lótus! — de onde vem o nascimento dos homens,
E de onde a sua morte, e quais as majestades
Do Teu governo imortal. De bom grado veria,
Como Tu mesmo o declaras, Senhor Soberano!,
A semelhança daquela glória da Tua Forma
Completamente revelada. Ó Tu, Diviníssimo!
Se isto pode ser, se eu puder suportar a visão,
Torna-Te visível, Senhor de todas as preces!
Mostra-me o Teu próprio ser, o Deus Eterno!

KRISHNA

2 Contempla, então, Filho de Pritha! manifesto para ti
Aquelas cem mil milhares de formas que vestem o meu Mistério:
Mostro-te todas as minhas aparências, infinitas, ricas, divinas,
As minhas cores mutáveis, as minhas formas sem conta. Vê! neste meu rosto
Adityas, Vasus, Rudras, Aswins e Maruts; vê
Maravilhas sem número, Príncipe da Índia!, reveladas só a ti.
Eis! isto é o Universo! — Olha! o que é vivo e o que é morto
Reúno tudo num só — em Mim! Contempla, como os teus lábios disseram,
O DEUS ETERNO, O PRÓPRIO DEUS! Vê-Me! vê o que pedes!

3 Não podes! — nem, com olhos humanos, Arjuna!, jamais poderás!
Por isso te dou um sentido divino. Tem outros olhos, nova luz!
E, olha! Esta é a Minha glória, desvelada à vista mortal!

Sanjaya

4 Então, ó Rei!, o Deus, assim dizendo,
Ergueu-se, mostrando ao Filho de Pritha
Todo o esplendor, a maravilha, o pavor
Da Sua vasta Divindade Todo-Poderosa.
Contemplando por olhos sem conta,
Ordenando por bocas sem conta,
Envolvendo formas místicas sem conta
Numa só Forma: erguendo-se supremo,
Vestindo glórias radiantes sem conta,
Portando armas celestes sem conta,
Coroado de grinaldas de aglomerados de estrelas,
Vestido de trajes de fulgores tecidos,
Exalando da Sua Presença perfeita
Sopros de toda essência sutil
De todos os perfumes celestes; derramando
Brilho ofuscante; cobrindo —
Sem limites, belo — todos os espaços
Com os Seus rostos que tudo olham;
Assim Ele se mostrou! Se surgisse
De súbito nos céus
O clarão de mil sóis
Inundando a terra com raios inimagináveis,
Então se poderia sonhar a majestade
E o resplendor daquele Santo!

5 Assim o Filho de Pandu contemplou
Todo este universo envolver
Toda a sua imensa diversidade
Numa só forma vasta, e ser
Visível, e visto, e fundido
Num só Corpo — sutil, esplêndido,
Sem nome —, o que Tudo Compreende,
Deus dos Deuses, a Divindade
Sem Fim!

6 Mas, profundamente assombrado,
Estremecido, transbordante, deslumbrado e atordoado,
Arjuna ajoelhou-se; e inclinou a cabeça,
E juntou as palmas; e clamou, e disse:

Arjuna

7 Sim! Eu vi! Eu vejo!
Senhor! tudo está envolto em Ti!
Os deuses estão na Tua forma gloriosa! as criaturas
Da terra, e do céu, e do inferno
Moram na Tua forma Divina,
E no Teu semblante brilham todos os traços

8 De Brahma, sentado só
No Seu trono de lótus;
Dos santos e sábios, e das raças de serpentes,
Ananta, Vasuki;
Sim! Senhor poderosíssimo! vejo
Os Teus mil milhares de braços, e peitos, e rostos,
E olhos — de todos os lados
Perfeitos, diversificados;
E em parte alguma fim de Ti, em parte alguma princípio,
Em parte alguma centro! Desloca-se —
Para onde quer que se erga o olhar da alma —
O Teu Eu central, que tudo maneja e tudo conquista!

9 Rei Infinito! vejo
O diadema em Ti,
A maça, a concha, o disco; vejo-Te ardendo
Em raios insuportáveis,
Iluminando a terra, o céu e o inferno
Com brilho flamejante, incandescente, fulgurante; tornando

10 A treva em dia deslumbrante,
Para onde quer que eu olhe;
Ah, Senhor! adoro-Te, o Indiviso,
O Extremo do pensamento,
O Palácio-Tesouro feito
Para guardar a riqueza dos mundos; o Escudo provido

11 Para abrigar as leis da Virtude;
A Fonte de onde a corrente da Vida tira
Todas as águas de todos os rios de todo ser:
O Único Não Nascido, Sem Fim:
Imutável e Sem Mistura!
Com poder e majestade, além do pensamento, além da vista!

12 A prata da lua e o ouro
Do sol são glórias que rolam
Dos Teus grandes olhos; o Teu semblante, brilhando terno
Por entre as estrelas e os céus,
Desperta para a vida cálida
O Teu Universo. Os mundos estão cheios da maravilha

13 Das Tuas perfeições! O espaço
Salpicado de estrelas, e o lugar vazio
De polo a polo do Azul, de limite a limite,
Tem-Te em cada ponto,
A Ti, a Ti! — Onde Tu não estás,
Ó Forma Santa e Maravilhosa!, não se acha em parte alguma!

14 Ó Místico, Temível!
À Tua vista, dado a conhecer,
Os Três Mundos tremem; os deuses inferiores aproximam-se de Ti;
Juntam as palmas e inclinam
Corpo, e peito, e fronte,
E, sussurrando adoração, louvam-Te e engrandecem-Te!

15 Rishis e Siddhas clamam:
"Salve! Altíssima Majestade!"
Do sábio e do cantor irrompe o hino de glória
Em doce harmonia,
Soando o Teu louvor;
Enquanto companhias sem conta retomam o relato,

16 Rudras, que cavalgam as tempestades,
As formas brilhantes dos Adityas,
Vasus e Sadhyas, Viswas, Ushmapas;
Maruts, e aqueles grandes Gêmeos,
Os celestes, belos Aswins,
Gandharvas, Rakshasas, Siddhas e Asuras —

17 Estes Te veem e reverenciam
Com medo súbito;
Sim! os Mundos — vendo-Te com forma estupenda,
Com rostos múltiplos,
Com olhos que tudo contemplam,
Olhos sem número, braços vastos, membros tremendos,

18 Flancos iluminados de sol e estrela,
Pés plantados perto e longe,
Presas de terror, bocas iradas e ternas —
Os Três vastos Mundos diante de Ti
Adoram, como eu Te adoro,
Tremem, como eu tremo, ao testemunhar tanto esplendor!

19 Vejo-Te tocar os céus
Com a fronte, de modo maravilhoso,
Enorme, pintada de arco-íris, cintilante; e a Tua boca
Aberta, e órbitas que veem
Todas as coisas, sejam quais forem,
Em todos os Teus mundos, leste, oeste, norte e sul.

20 Ó Olhos de Deus! Ó Cabeça!
A força da minha alma fugiu,
Foi-se o vigor do coração, repreendido está o desejo da mente!
Quando Te contemplo assim,
Com sobrancelhas temíveis em brasa,
Com olhar ardente, e lábios acesos pelo fogo

21 Feroz como aquelas chamas que hão de
Consumir, no fim de tudo,
A Terra e o Céu! Ai de mim! não vejo Terra nem Céu!
A Ti, Senhor dos Senhores!, vejo,
Só a Ti — só a Ti!
Agora seja-me dada a Tua misericórdia,

22 Tu, Refúgio do Mundo!
Eis! lançados na caverna
Da Tua garganta escancarada, e dos lábios de presas brancas,
Vejo os nossos mais nobres,
Os filhos do grande Dhritarashtra,
Bhishma, Drona e Karna, apanhados e esmagados!

23 Os Reis e Chefes atraídos
Para dentro daquela goela aberta;
Os melhores de ambos os exércitos rasgados e despedaçados!
Entre as Tuas mandíbulas jazem
Mutilados e ensanguentados,
Moídos em pó e morte! Como correntes impelidas

24 Com pressa impotente, que vão
Em fluxo furioso e precipitado
Direto para as profundezas sorvedoras do oceano nunca cheio,
Assim para aquela caverna flamejante
Aqueles heróis grandes e bravos
Se precipitam, em correntes sem fim, com movimento impotente!

25 Como as mariposas que de noite
Esvoaçam em direção a uma luz,
Atraídas para o seu destino ígneo, voando e morrendo,
Assim para a sua morte ainda se apinham,
Cegas, deslumbradas, arrastadas
Sem cessar, todas aquelas multidões, em voo selvagem!

26 Tu, que formaste os homens,
Devora-los de novo,
Uns com os outros, grandes e pequenos, igualmente!
As criaturas que fazes,
Com mandíbulas flamejantes as tomas,
Lambendo-as! Senhor Deus! Os Teus terrores ferem

27 De um extremo ao outro da terra,
Enchendo a vida, do nascimento
À morte, de pavor mortal, ardente, sinistro!
Ah, Vishnu! faze-me saber
Por que é assim o Teu semblante?
Quem és Tu, banqueteando-Te assim com os Teus mortos?

28 Quem? Divindade temível!
Inclino-me diante de Ti,
Namostu Te, Devavara! Prasid!
Ó Senhor Poderosíssimo! dize
Por que tens um rosto tão feroz?
De onde procede este aspecto horrível?

Krishna

29 Vês-Me como o Tempo que mata,
O Tempo que leva tudo à perdição,
O Tempo Matador, Antigo de Dias, vindo aqui para consumir;
Exceto tu, de todas estas hostes de chefes inimigos em formação,
Não há um só que sairá vivo do campo de batalha! Não fiques
Mais consternado! Levanta-te! obtém renome! destrói os teus inimigos!
Luta pelo reino que te espera quando os tiveres vencido.
Por Mim eles caem — não por ti! o golpe da morte já lhes é dado,
Ainda que se mostrem tão galhardos; tu és o Meu instrumento!
Fere, Príncipe de braço forte, Drona! fere Bhishma! dá a morte
A Karna, a Jyadratha; detém todo o seu sopro guerreiro!
Sou Eu quem os manda perecer! Tu só matarás os já mortos;
Luta! eles devem cair, e tu deves viver, vencedor nesta planície!

Sanjaya

30 Ouvindo a palavra do poderoso Keshav,
Trêmulo, aquele Senhor de elmo
Juntou as palmas erguidas e — pedindo
A graça de Krishna — ali ficou, dizendo,
Com a fronte inclinada e a voz entrecortada,
Estas palavras, timidamente proferidas:

Arjuna

31 Com razão, Senhor do Poder!,
O mundo inteiro se deleita
No Teu poder sem igual, obedecendo-Te;
Os Rakshasas, com pavor
À Tua vista, fogem apressados
Para os quatro cantos; e a companhia

32 Dos Siddhas soa o Teu nome.
Como não proclamariam
As Tuas Majestades, Diviníssimo, Poderosíssimo?
Tu, Brahm, maior que Brahma!
Tu, Criador Infinito!
Tu, Deus dos deuses, Morada e Repouso da Vida!

33 Tu, Alma de todas as almas!
O Todo que Tudo Compreende!
Do ser formado, e do ser sem forma o Formador;
Ó Supremo! Ó Senhor!
Mais antigo que a antiguidade, que encheste
Os mundos com a riqueza da vida! Ó Senhor do Tesouro,

34 Que sabes tudo, e és
Tu mesmo a Sabedoria! Ó Parte
Em tudo, e Tudo; pois tudo de Ti surgiu!
Sem número agora vejo
Que são os Teus aspectos!
Tu és Vayu, e Aquele que guarda a prisão

35 De Narak, o escuro Yama;
E a centelha brilhante de Agni;
As ondas de Varuna são as Tuas ondas. A lua e a luz das estrelas
São Tuas! Prajapati
És Tu, e foi a Ti
Que se ajoelharam adorando a luz distante do mundo antigo,

36 O primeiro dos homens mortais.
De novo, ó Deus! de novo
Sê engrandecido mil milhares de vezes!
Honra e adoração sejam —
Glória e louvor — a Ti,
Namo, Namaste, clamado de todos os lados;

37 Clamado aqui, em cima, embaixo,
Proferido quando partes,
Proferido onde chegas! Namo! clamamos;
Namostu! Deus adorado!
Namostu! Senhor sem nome!
Salve! Louvor a Ti! Tu, Um em tudo;

38 Pois Tu és Tudo! Sim, Tu!
Ah! se agora, irado,
Te lembrares de que Te tive por Amigo,
Falando com fala familiar,
Como os homens usam uns com os outros;
De que Te chamei "Krishna", "Príncipe", sem compreender

39 A Tua majestade oculta,
O poder, o temor de Ti;
De que, na minha desatenção, ou no meu amor,
Em viagem, ou por gracejo,
Ou quando estávamos em repouso,
Sentados em conselho, vagueando pelo bosque,

40 Sós, ou na multidão,
Te fiz, Santíssimo!, alguma ofensa,
Seja-me concedida a Tua graça por esse pecado insensato!
Pois Tu és, agora sei,
Pai de tudo o que está embaixo,
De tudo o que está em cima, de todos os mundos dentro,

41 Guru dos Gurus; mais
Para reverenciar e adorar
Do que tudo o que é adorável e alto!
Como, nos três vastos mundos,
Haveria algum igual?
Haveria outro que partilhasse a Tua Majestade?

42 Por conseguinte, com o corpo curvado
E intenção reverente,
Louvo-Te, e sirvo-Te, e busco-Te, pedindo graça.
Como pai para o filho,
Como amigo para o amigo, como aquele
Que ama para o seu amado, volta o Teu rosto

43 Com brandura para mim!
Foi bom eu ter visto
Esta maravilha desconhecida da Tua Forma! Mas o medo
Mistura-se com a alegria! Retoma,
Querido Senhor!, por piedade,
A Tua forma terrena, que olhos terrenos podem suportar!

44 Sê misericordioso e mostra
O semblante que conheço;
Deixa-me olhar-Te, como outrora, adornado
Com o disco e a gema na fronte,
Com a maça e o diadema,
Tu que sustentas todas as coisas! Sem pavor

45 Deixa-me contemplar mais uma vez
A forma que amei outrora,
Tu dos mil braços e dos olhos sem conta!
Este coração assustado deseja
Ver restituído de novo
O meu Cocheiro, no amável disfarce de Krishna.

Krishna

46 Sim! viste, Arjuna!, porque te amei muito,
O semblante secreto de Mim, revelado por encanto místico,
Brilhante, e maravilhoso, e vasto, majestoso, múltiplo,
Que ninguém senão tu em todos os anos teve o favor de contemplar;
Pois não pelos Vedas vem isto, nem pelo sacrifício, nem pela esmola,
Nem pelas obras bem feitas, nem pela longa penitência, nem pelas preces, nem pelos salmos
cantados,
Que olhos mortais suportem ver a Alma Imortal desnudada,
Príncipe dos Kurus! Isto foi guardado só para ti! Alegra-te!
Que nenhuma perturbação abale mais o teu coração, porque os teus olhos viram
O Meu terror com a Minha glória. Como fui antes,
Assim serei de novo para ti; com o coração aliviado, contempla!
De novo sou o teu Krishna, a forma que conhecias outrora!

Sanjaya

47 Estas palavras a Arjuna disse
Vasudev, e logo retomou
De novo a aparência querida
Do bem-amado cocheiro;
Paz e alegria ela restituiu
Quando o Príncipe contemplou mais uma vez
A forma e o rosto do poderoso BRAHMA
Vestidos da graça gentil de Krishna.

Arjuna

48 Agora que vejo voltar, Janardana!,
Esta forma humana amiga, a minha mente pode ter
De novo pensamentos calmos; o meu coração bate tranquilo outra vez!

Krishna

49 Sim! foi maravilhoso e terrível
Ver-me como viste, querido Príncipe! Os deuses
Temem e desejam continuamente vê-lo!
Porém, nem pelos Vedas, nem pelo sacrifício,
Nem pela penitência, nem pela dádiva, nem pela prece
Alguém assim contemplará, como tu viste!
Só pelo serviço mais pleno, pela fé perfeita
E pela entrega extrema sou conhecido,
E visto, e alcançado, Príncipe da Índia!
Quem faz tudo por Mim; quem Me acha
Em tudo; adora sempre; ama tudo
O que Eu fiz, e a Mim, só por amor do Amor,
Esse homem, Arjuna!, a Mim se encaminha.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 12

✦

Arjuna

1 Senhor! dos homens que Te servem — verdadeiros de coração —
Como Deus revelado; e dos homens que servem,
Adorando-Te Não Revelado, Sem Corpo, Distante,
Quais tomam o melhor caminho de fé e de vida?

Krishna

2 Os que Me servem — como Eu Me mostro —,
Sempre fiéis, fixos em plena devoção,
Esses tenho por muito santos. Mas os que servem —
Adorando-Me como O Um, O Invisível,
O Não Revelado, Sem Nome, Impensável,
Supremo, Que Tudo Penetra, Altíssimo, Seguro —,
Os que assim Me adoram, dominando os sentidos,
De mente igual para com todos, alegres em todo bem,
Essas almas benditas vêm a Mim.

[3] Porém, dura
É a labuta para os que dirigem as suas mentes
A alcançar o Não Manifestado. Esse caminho invisível
Mal será trilhado pelo homem que traz a carne!
Mas onde quer que alguém faça todas as suas obras
Renunciando ao eu por Mim, cheio de Mim, fixo
Em servir só ao Altíssimo, noite e dia
Meditando em Mim — a esse elevarei depressa
Do oceano da vida, de aflição e morte,
Aquele cuja alma se apega firmemente a Mim. Apega-te a Mim!
Abraça-Me com o coração e a mente! assim morarás
Seguramente comigo no alto. Mas, se o teu pensamento
Desfalece de tal altura; se és fraco para pôr
Corpo e alma em Mim constantemente,
Não desesperes! presta-Me um serviço menor! busca
Alcançar-Me, adorando com vontade firme;
E, se não podes adorar com firmeza,
Trabalha para Mim, labuta em obras que Me agradem!
Pois aquele que trabalha retamente por amor de Mim
Alcançará por fim! Mas, se também nisto
O teu coração fraco falhar, traze-Me a tua falha! acha
Refúgio em Mim! deixa ir os frutos do trabalho,
Renunciando à esperança por Mim, com o coração mais humilde;
Assim virás; pois, embora conhecer seja mais
Do que a diligência, a adoração é melhor
Do que o conhecer, e a renúncia melhor ainda.

> Perto da renúncia — muito perto —
> Mora a Paz Eterna!

[4] Aquele que nada odeia
De tudo o que vive, vivendo ele mesmo benigno,
Compassivo, isento de arrogância,
Isento do amor de si, imutável
Pelo bem ou pelo mal; paciente, contente, firme
Na fé, senhor de si, fiel à sua palavra,
Buscando-Me de coração e alma; votado a Mim —
A esse homem Eu amo! Aquele que não perturba os seus semelhantes,
E não é perturbado por eles; livre de ira,
Vivendo alto demais para a alegria, a dor ou o medo,
A esse homem Eu amo! Aquele que, morando de olhar tranquilo,
Sem mancha, sereno, equilibrado, sem perplexidade,
Trabalhando comigo, mas desapegado de todas as obras,
A esse homem Eu amo! Aquele que, fixo na fé em Mim,
Não se apaixona por ninguém, não despreza ninguém; não se alegra,
E não se aflige, deixando que o bem ou o mal aconteçam
Quando quiserem, e quando quiserem partam,
A esse homem Eu amo! Aquele que, para com o amigo e o inimigo
Mantendo um coração igual, com mente igual
Suporta a vergonha e a glória; com paz igual
Recebe o calor e o frio, o prazer e a dor; permanece
Livre de desejos, ouve o louvor ou a calúnia
Com reserva desapaixonada, sem se mover por nenhum;
Sem laços que o prendam à terra, firme em Mim,
A esse homem Eu amo! Mas acima de tudo amo
Aqueles felizes para quem viver é viver

> Numa fé fervorosa e única e num amor que não vê,
> Bebendo o bendito Amrit do Meu Ser!

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 13

✦

Arjuna

1 Agora quisera ouvir, ó benévolo Kesava!,
Sobre a Vida que parece, e a Alma além, que vê,
E o que é aquilo que sabemos — ou pensamos saber.

Krishna

2 Sim! Filho de Kunti! pois esta carne que vedes
É Kshetra, é o campo onde a Vida se diverte;
E aquilo que a vê e a conhece é a Alma,
Kshetrajna. Em todos os "campos", Príncipe da Índia!,
Eu sou Kshetrajna. Eu sou o que observa!
Só conhece esse conhecimento que conhece o conhecido
Pelo conhecedor! O que é esse "campo" da vida,
Que qualidades tem, e de onde vem,
E por que muda, e a faculdade
Que o conhece, o poder desta,
E como ela conhece — ouve estas coisas de Mim!

3 . . . . . .

4 Os elementos, a vida consciente, a mente,
A força vital invisível, as nove estranhas portas
Do corpo, e os cinco domínios dos sentidos;
O desejo, a aversão, o prazer e a dor, e o pensamento
Profundamente entretecido, e a persistência do ser;
Tudo isto é obrado na Matéria pela Alma!

5 Humildade, veracidade e inocuidade,
Paciência e honra, reverência pelos sábios,
Pureza, constância, domínio de si,
Desprezo dos deleites dos sentidos, sacrifício de si,
Percepção da certeza do mal
No nascimento, na morte, na velhice, na doença, no sofrimento e no pecado;
Desapego, segurando levemente o lar,
Os filhos, a esposa e tudo o que prende os homens;
Um coração sempre tranquilo na boa fortuna
E na má fortuna, com vontade firme
De Me adorar — só a Mim! sem cessar;
Amando todas as solidões e evitando o ruído
Das multidões tolas; esforços resolutos
Para alcançar a percepção da Alma Suprema,
E graça para compreender que ganho seria
Alcançá-la assim — esta é a verdadeira Sabedoria, Príncipe!
E o que é de outro modo é ignorância!

6 Agora falarei do conhecimento que é melhor conhecer —
Aquela Verdade que dá ao homem Amrit a beber,
A Verdade DELE, o Para-Brahm, o Todo,
O Não Criado; nem Asat, nem Sat,
Nem Forma, nem o Sem Forma; mas ambos, e mais —
Cujas mãos estão em toda parte, e em toda parte
Plantados os Seus pés, e em toda parte os Seus olhos
Contemplando, e os Seus ouvidos em todo lugar
Ouvindo, e todos os Seus rostos em toda parte
Iluminando e abarcando os Seus mundos.
Glorificado nos sentidos que deu,
Está porém além dos sentidos; sustentando tudo,
Mora contudo desapegado: das formas e modos
Mestre, mas nem forma nem modo tem Ele;
Está dentro de todos os seres — e fora —,
Imóvel, mas sempre em movimento; não discernido
Pela sutileza da presença instantânea; perto
De todos, de cada um; mas imensuravelmente longe!
Não múltiplo, e contudo subsistindo ainda
Em tudo o que vive; para sempre a ser conhecido
Como o Sustentador; contudo, no Fim dos Tempos,
Faz tudo acabar — e recria.
Ele é a Luz das Luzes, no coração da Treva
Brilhando eternamente. Ele é a Sabedoria
E o caminho da Sabedoria, e Guia de todos os sábios,
Plantado em cada coração.

7 Assim falei
Da matéria da Vida, e da modelagem, e da ciência
Para compreender. Quem, adorando-Me,
Perceber isto, virá seguramente a Mim!

8 Sabe que a Natureza e o Espírito ambos
Não têm princípio! Sabe que as qualidades
E as suas mudanças são obra da Natureza;
Que a Natureza põe a trabalhar o corpo que age,
Mas o Espírito o anima, e assim causa
O sentir da dor e do prazer. O Espírito, unido
À matéria moldada, entra em laço
Com as qualidades formadas pela Natureza e, assim
Casado com a matéria, gera de novo o nascimento
Em yonis boas ou más.

9 Porém é isto —
Sim! na sua prisão corporal! — Espírito puro,
Espírito supremo; observando, governando,
Guardando, possuindo; Senhor e Mestre ainda,
PURUSHA, Último, Uma só Alma comigo.

10 Quem assim se conhece a si, e conhece a sua alma,
PURUSHA, agindo através das qualidades
Com os modos da Natureza, para esse chegou a luz!
Seja qual for a carne que traga, nunca mais
Tomará o seu fardo. Há alguns poucos
Que pela meditação acham a Alma no Eu,
Ensinados por si; e alguns por longa filosofia
E vida santa chegam lá; alguns pelas obras:
Alguns, sem nunca assim chegar, ouvem falar da luz
Por outros lábios, e agarram-na, e apegam-se a ela
Adorando; sim! e esses — fiéis ao ensinamento —
Ultrapassam a Morte!

11 Onde quer que, Príncipe da Índia!,
Haja vida — de coisas que se movem, ou de coisas imóveis,
Planta ou semente quieta —, sabe que o que ali cresceu
Cresceu pelo laço da Matéria e do Espírito: Sabe
Que vê de verdade aquele que vê em tudo igualmente
A Alma viva e senhorial; a Alma Suprema,
Imperecível no meio do que perece:
Pois quem assim contempla, em todo lugar,
Em toda forma, a mesma, una, Vida Viva,
Não faz mais injustiça a si mesmo,
Mas segue o caminho mais alto que leva à bem-aventurança.
Vendo, vê de verdade aquele que vê que as obras
São o costume da Natureza, para a Alma praticar
Agindo, mas não sendo o agente; vê a multidão
Das coisas vivas separadas — cada uma segundo a sua espécie —
Sair do Um e fundir-se de novo no Um:
Então tem BRAHMA, ele alcança!

12 Ó Príncipe!
Aquele Espírito Último, Alto, Não Criado,
Sem qualidades, mesmo quando entra na carne
Não toma mancha dos atos, em nada age!
Como o ar etéreo, que tudo penetra,
Que, pela sua pura sutileza, evita a mancha,
A Alma sutil está sentada em toda parte, sem mancha:
Como a luz do sol que tudo traspassa
[Que não é mudada por nada sobre o que brilha],
A luz da Alma brilha pura em todo lugar;
E os que, por tal olho de sabedoria, veem
Como a Matéria, e o que lida com ela, se dividem;
E como o Espírito e a carne estão em luta,
Esses sábios seguem o caminho que leva à Vida!

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 14

✦

Krishna

1 Ainda mais te abrirei
Esta sabedoria de todas as sabedorias, suprema,
Possuindo a qual todos os Meus santos passaram
À perfeição. Apoiados em tais altas verdades,
Elevando-se à comunhão
Comigo, não nascem de novo no nascimento
Dos Kalpas, nem sofrem mudança nos Pralyas!

2 Este Universo é o ventre onde planto
A semente de todas as vidas! Dali, Príncipe da Índia, vem
O nascimento de todos os seres! Aquilo que, Filho de Kunti!,
É mãe de cada forma mortal, Brahma o concebe,
E Eu sou Aquele que é pai, enviando a semente!

3 Sattwan, Rajas e Tamas, assim se chamam
As qualidades da Natureza: "Veracidade",
"Paixão" e "Ignorância". Estas três prendem
O Espírito imutável na carne mutável.
Delas, a doce "Veracidade", pela pureza,
Vivendo sem mancha e iluminada, prende
A Alma sem pecado à felicidade e à verdade;
E a Paixão, sendo parente do apetite,
E gerando impulso e propensão,
Prende a Alma encarnada, ó Filho de Kunti!,
Pelo laço das obras. Mas a Ignorância, gerada
Da Treva, cegando os homens mortais, prende
As suas almas ao estupor, à preguiça e à sonolência.
Sim, Príncipe da Índia! a Veracidade prende as almas
De modo agradável à carne; e a Paixão prende
Por esforço penoso; mas a Ignorância, que apaga
Os raios da sabedoria, prende a alma à preguiça.
A Paixão e a Ignorância, uma vez vencidas,
Deixam a Veracidade, ó Bharata! Onde esta
E a Ignorância estão ausentes, a Paixão governa;
E a Ignorância, nos corações nem bons nem vivos.
Quando em todas as portas do Corpo brilha
A Lâmpada do Conhecimento, então pode ver-se bem
Que a Veracidade, estabelecida naquela cidade, reina;
Onde há anseio, e ardor, e inquietação,
Impulso de lutar e ganhar, e avareza,
Estes brotam da Paixão — Príncipe! — enraizada; e onde

Há treva e torpor, preguiça e estupor,
Foi a Ignorância que os causou, Chefe Kuru!

4 Ademais, quando uma alma parte, fixa
Na Veracidade, vai para o lugar —
Perfeito e puro — dos que conhecem toda a Verdade.
Se parte num hábito firmado
De Impulso, passará ao mundo
Dos espíritos presos às obras; e, se morre
Na Ignorância endurecida, essa alma cegada
Nasce de novo em algum ventre sem luz.

5 O fruto da Veracidade é verdadeiro e doce;
O fruto das luxúrias é dor e labuta; o fruto
Da Ignorância é treva mais profunda. Sim!
Pois a Luz traz luz, e a Paixão a ânsia de ter;
E a sombra, os desvarios e a ignorância
Crescem da Ignorância. Os do primeiro
Sobem sempre mais alto; os do segundo modo
Tomam um lugar médio; as almas escurecidas afundam de novo
Em profundezas mais baixas, carregadas de insensatez!

6 Quando, observando a vida, o homem vivo percebe
Que os únicos atores são as Qualidades,
E sabe o que governa além das Qualidades,
Então chegou perto de Mim!

7 A Alma,
Passando assim para fora das Três Qualidades —
Pelas quais surgem todos os corpos —, vence
O Nascimento, a Morte, a Dor e a Velhice; e bebe profundamente
O vinho imortal de Amrit.

Arjuna

8 Oh, meu Senhor!
Quais são os sinais para conhecer aquele que passou
Além dos Três Modos? Como vive ele? Que caminho
O leva salvo para além dos Modos tríplices?

KRISHNA

9 Aquele que com igualdade de ânimo observa
O brilho da bondade, a luta da paixão, a preguiça
Da ignorância, sem se irar se existem,
Sem desejá-los quando não existem: aquele que se senta
Como peregrino e estrangeiro no meio deles,
Imperturbado, mantendo-se à parte, dizendo — sereno —,
Quando irrompem as perturbações: "Estas são as Qualidades!";
Aquele para quem — centrado em si — a dor e a alegria
Soam como uma só palavra; para cujos olhos que veem fundo
O torrão, o mármore e o ouro são um;
Cujo coração igual guarda a mesma brandura
Para as coisas belas e feias, firme,
Bem contente no louvor e na censura; satisfeito
Com a honra ou a desonra; para com os amigos
E os inimigos igualmente tolerante;
Desapegado dos empreendimentos — esse é chamado
Vencedor das Qualidades!

10 E tal homem —
Adorando-Me com fé única e fervorosa,
Passando além das Qualidades — conforma-se
A Brahma e Me alcança!

11 Pois Eu sou
Aquilo de que Brahma é a semelhança! Meu
É o Amrit; e a Imortalidade
É minha; e minha a Felicidade perfeita!

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 15

✦

Krishna

1 Os homens chamam a Aswattha — a figueira-de-bengala —,
Que tem os ramos embaixo e as raízes em cima,
A árvore sempre santa. Sim! pois as suas folhas
São hinos verdes e ondulantes que sussurram a Verdade!
Quem conhece a Aswattha conhece os Veds, e tudo.

2 Os seus ramos sobem ao céu e descem à terra,
Assim como as obras dos homens, que nascem
Das qualidades: os seus raminhos prateados e as suas flores,
E todo o verdor ávido da sua copa,
Saltam para a vida rápida ao beijo do sol e do ar,
Como as vidas dos homens se avivam às belas tentações
Dos sentidos que seduzem: as suas raízes pendentes buscam
O solo embaixo, ajudando a prendê-la ali,

3 Como as ações feitas neste mundo dos homens
Os prendem de novo com laços cada vez mais apertados.
Se conhecêsseis bem o ensinamento da Árvore,
O que a sua forma diz; e de onde brota; e, então,

4 Como deve acabar, e todos os seus males,
Afiaríeis o machado do agudo Desapego,
E cortaríeis as raízes aderentes como serpentes, e derrubaríeis
Esta Aswattha da vida dos sentidos — para fazer

5 Novos rebentos subirem àquele céu mais feliz —
Onde os que chegam não terão dia de morrer,
Nem de murchar, nem de cair — a Ele, quero dizer,
PAI e PRIMEIRO, que fez o mistério

6 Da antiga Criação; pois a Ele vêm
Os que se libertam da paixão e dos sonhos;
Os que rompem os laços que os prendem à carne
E — adorando sempre a Ele, o Altíssimo —

7 Já não crescem à mercê da brisa
De prazer de verão que agita as árvores adormecidas,
Nem da rajada de tempestade que as rasga, ramo e tronco:
Ao mundo eterno passam tais como estes!

8 Outro Sol brilha ali! outra Lua!
Outra Luz — nem Crepúsculo, nem Aurora, nem Meio-Dia —,
Que os que uma vez a contemplam não voltam mais;
Alcançaram o Meu repouso, o dom supremo da vida!

9 Quando, neste mundo da vida manifestada,
O Espírito imortal, partindo de Mim,
Toma forma, atrai a si
Do celeiro do Ser — que contém tudo —
Os sentidos e o intelecto. A Alma Soberana,
Entrando assim na carne, ou deixando-a,
Recolhe-os, como o vento recolhe os perfumes,
Soprando sobre os canteiros de flores. O Ouvido e o Olho,
E o Tato e o Paladar, e o Olfato, estes ela toma —
Sim, e uma mente que sente —, ligando-se
Assim às coisas dos sentidos.

10 Os não iluminados
Não notam aquele Espírito quando vai ou vem,
Nem quando toma o seu prazer na forma,
Unido às qualidades; mas veem claramente
Os que têm olhos para ver. As almas santas que se esforçam
Por isso veem. Iluminadas, percebem
Aquele Espírito em si mesmas; mas os insensatos,
Ainda que se esforcem, não discernem, tendo corações
Não acesos, mal instruídos!

11 Sabe também que de Mim
Brilha a glória reunida dos sóis
Que iluminam todo o mundo: de Mim as luas
Tiram raios prateados, e o fogo a sua feroz beleza.
Penetro o barro e empresto a todas as formas
A sua força viva; deslizo para dentro da planta —
Raiz, folha e flor — para fazer verdes os bosques
Com a seiva que brota. Tornando-Me calor vital,
Ardo nos corpos alegres que respiram, e passo,
Com o sopro que sai e o que entra, para alimentar
O corpo com todos os alimentos.

12 Pois neste mundo
O Ser é duplo: o Dividido, um;
O Indiviso, outro. Todas as coisas que vivem
São "o Dividido". Aquilo que está à parte,
"O Indiviso".

13 Mais alto ainda é Ele,
O Altíssimo, que tudo contém, cujo Nome é SENHOR,
O Eterno, Soberano, Primeiro! Que enche todos os mundos,
Sustentando-os. E — morando assim além
Do Ser Dividido e do Indiviso — Eu
Sou chamado pelos homens e pelos Vedas Vida Suprema,
O PURUSHOTTAMA.

14 Quem assim Me conhece,
Com a mente sem nuvens, conhece tudo, querido Príncipe!,
E com toda a sua alma Me adora sempre.

15 Agora o Mistério sagrado e secreto
Te foi declarado! Quem compreende isto
Tem sabedoria! Está livre das obras, na bem-aventurança!

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 16

✦

Krishna

1 Destemor, simplicidade de alma, a vontade
De sempre lutar pela sabedoria; mão aberta
E apetites governados; e piedade,
E amor ao estudo solitário; humildade,
Retidão, cuidado de não ferir nada do que vive,
Veracidade, lentidão para a ira, uma mente
Que deixa ir levemente o que outros prezam;
E igualdade de ânimo, e caridade
Que não espia as faltas de ninguém; e ternura
Para com todos os que sofrem; um coração contente,
Não agitado por desejos; um porte brando,
Modesto e grave, nobremente misturado de virilidade,
Com paciência, fortaleza e pureza;
Um espírito sem vingança, nunca dado
A ter-se em conta alta demais — tais são os sinais,
Ó Príncipe da Índia!, daquele cujos pés estão postos
Naquele belo caminho que leva ao nascimento celeste!

2 Falsidade, e arrogância, e orgulho,
Prestidão para a ira, fala dura e má,
E ignorância, cega à sua própria treva —
Estes são os sinais, meu Príncipe!, daquele cujo nascimento
Está destinado às regiões dos vis.

3 O Nascimento Celeste leva à libertação,
Assim deves saber! O nascimento com os Asuras
Leva à servidão. Alegra-te, Príncipe!,
Cuja sorte está reservada ao Nascimento celeste.

4 Há dois cunhos marcados em todos os homens vivos,
O Divino e o Não Divino; disse-te
Por que sinais deves conhecer o Homem Celeste;
Ouve agora de mim sobre o Não Celeste!

5 Não compreendem, os Não Celestes,
Como as Almas saem de Mim; nem como voltam
A Mim: nem há Verdade neles,
Nem pureza, nem regra de Vida. "Este mundo
Não tem Lei, nem Ordem, nem Senhor",
Assim dizem: "nem surgiu por Causa
Que se segue a Causa, em propósito perfeito,
Mas não é outra coisa senão uma Casa de Luxúria."
E, pensando isto, todos esses arruinados —
De pouco juízo, de mente escura — entregam-se
A obras más, as maldições da sua espécie.
Rendidos a desejos insaciáveis,
Cheios de falsidade, loucura e orgulho,
Na cegueira apegando-se aos seus erros, apanhados
No curso pecaminoso, confiam nesta mentira
Como se fosse verdade — esta mentira que leva à morte —,
Achando no Prazer todo o bem que existe,
E clamando: "Aqui acaba!"

[6] Enredados
Nos laços de cem esperanças ociosas,
Escravos da sua paixão e da sua ira, compram
Riqueza com obras vis, para saciar apetites ardentes;
"Tanto, hoje", dizem, "ganhamos! com isso
Tal e tal desejo do coração será saciado;
E isto é nosso! e aquilo será nosso!
Hoje matamos um inimigo, e mataremos
O nosso outro inimigo amanhã! Olhai!
Não somos senhores? Não fazemos bela festa?
Não é a nossa fortuna famosa, brava e grande?
Ricos somos, de nascimento orgulhoso! Que outros homens
Vivem como nós? Matai, pois, para o sacrifício!
Lançai largueza, e alegrai-vos!" Assim falam,
Escurecidos pela ignorância; e assim caem —
Agitados de cá para lá por projetos, enganados e presos
Na rede da negra ilusão, perdidos nas luxúrias —
No imundo Naraka. Presunçosos, tolos,
Obstinados e orgulhosos, ébrios do vinho
Da riqueza, e imprudentes, todas as suas oferendas
Têm só aparência de reverência, não sendo feitas
Na piedade da fé antiga. Assim votados
Ao egoísmo, à força, à insolência, ao banquete, à ira,
Estes Meus blasfemos, nas formas que vestem
E nas formas que geram, são meus inimigos,
Odiosos e odiadores; cruéis, maus, vis,
Os mais baixos e menores dos homens, que Eu lanço

Uma e outra vez, no fim das vidas,
Em algum ventre diabólico, de onde — nascimento após nascimento —
Os ventres diabólicos os geram de novo, todos enganados;
E, até que Me achem e Me adorem, doce Príncipe!,
Pisam aquele Caminho Inferior.

7 As Portas do Inferno
São três, pelas quais os homens passam à ruína —
A porta da Luxúria, a porta da Ira, a porta
Da Avareza. Que o homem evite estas três!
Aquele que se desviar de entrar
Em todas essas três portas de Narak segue direto
Para achar a sua paz, e chega à porta de Swarga.

8 . . . . . .

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 17

✦

Arjuna

1 Se os homens abandonam a santa ordenança,
Indiferentes aos Shastras, mas guardam a fé no coração
E adoram, qual será o estado desses,
Grande Krishna! Sattwan, Rajas, Tamas? Dize!

Krishna

2 Tríplice é a fé da humanidade, e brota
Daquelas três qualidades — tornando-se "verdadeira",
Ou "manchada de paixão", ou "escura", como ouvirás!

3 A fé de cada crente, Príncipe da Índia!,
Conforma-se ao que ele verdadeiramente é.
Onde vires um adorador, esse
Vive assimilado ao que adora,
[Tal o santuário, tal o devoto.]
As almas "verazes" adoram deuses verdadeiros; as almas
Que obedecem a Rajas adoram Rakshasas
Ou Yakshas; e os homens da Treva oram
Aos Pretas e aos Bhutas. Sim, e aqueles
Que praticam penitência amarga, não prescrita
Pela regra legítima — penitência que tem a sua raiz
Em hipocrisias orgulhosas e autossuficientes —,
Esses homens, assediados pela paixão, violentos, selvagens,
Torturando — os insensatos — os Meus elementos
Encerrados em bela companhia dentro da sua carne
(Sim, a Mim mesmo, presente dentro da carne!),
Sabe-os votados aos demônios, não ao Céu!
Pois assim como os alimentos são de três espécies para a humanidade
No nutrir, assim há um caminho tríplice
De culto, abstinência e esmola!
Ouve isto de Mim! há um alimento que traz
Força, substância, vigor, saúde e alegria de viver,
Sendo bem temperado, cordial, reconfortante,
O alimento "Veraz". E há alimentos que trazem
Dores e inquietações, sangue ardente e aflição,
Sendo demasiado mordentes, quentes, salgados e acres,
E por isso desejados por um apetite forte demais.

E há alimento imundo — guardado de uma noite para outra,
Sem sabor, sujo, que os imundos comem,
Um banquete de podridão, próprio para os lábios
Dos que amam a "Treva".

4 Assim também com os ritos:
Um sacrifício feito não por recompensa,
Oferecido do modo devido, quando aquele que faz o voto
Diz, com coração devoto: "Isto devo fazer!",
É rito "Veraz". Mas o sacrifício por ganho,
Oferecido por boa reputação, fica certo de que este,
Ó Melhor dos Bharatas!, é rito de Rajas,
Com o cunho da "paixão". E um sacrifício
Oferecido contra as leis, sem a devida partilha
De alimento, sem o acompanhamento
De hino santificado, nem largueza aos sacerdotes,
Em celebração sem fé, chama-o vil,
A obra da "Treva"! — perdida!

5 O culto dos deuses
Que merecem culto; a humilde reverência
Aos Duas-Vezes-Nascidos, Mestres, Anciãos; a Pureza,
A Retidão e o voto do Brahmacharya,
E não ferir nenhuma coisa indefesa —
Estes fazem a verdadeira religiosidade do Ato.

6 Palavras que não causam dor a ninguém, palavras sempre verdadeiras,
Palavras gentis e agradáveis, e as que dizeis
Na leitura murmurada de uma Escritura Sagrada —
Estas fazem a verdadeira religiosidade da Fala.

7 Serenidade da alma, benignidade,
Domínio do Espírito silencioso, esforço constante
Para santificar a Natureza — estas coisas fazem
O bom rito e a verdadeira religiosidade da Mente.

8 Tal fé tríplice, guardada na mais alta piedade,
Sem esperança de ganho, por corações devotos,
É obra perfeita de Sattwan, crença verdadeira.

9 A religião mostrada em ato de orgulhosa ostentação
Para ganhar boa acolhida, culto, fama,
Tal — digo — é de Rajas, impetuosa e vã.

10 A religião seguida por uma vontade insensata
De torturar-se, ou de chegar ao poder de ferir
Outro — é de Tamas, escura e má.

11 A dádiva dada com amor, quando alguém diz:
"Agora devo dar com alegria!", quando aquele que recebe
Nada pode retribuir; feita no lugar devido,
No tempo devido e a um recebedor digno,
É dádiva de Sattwan, bela e proveitosa.

12 A dádiva dada com egoísmo, onde se espera
Receber de volta, ou quando se busca algum fim,
Ou onde a dádiva é oferecida de má vontade,
Esta é de Rajas, manchada de impulso, má.

13 A dádiva lançada com grosseria, em mau tempo,
Em lugar errado, a recebedor vil,
Feita com desdém ou dura falta de bondade,
É dádiva de Tamas, escura; não abençoa!

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 18

✦

Arjuna

1 De bom grado conheceria melhor, Tu, Glorioso!,
A própria verdade — Senhor do Coração! — de Sannyas,
A abstenção; e da renúncia, Senhor!,
Tyaga; e o que separa estas duas!

Krishna

2 Os poetas ensinam com razão que Sannyas
É o abandono de todos os atos que brotam
Do desejo; e os seus mais sábios dizem
Que Tyaga é renunciar ao fruto dos atos.

3 Há entre os santos alguns que tiveram
Toda ação por pecaminosa e a renunciar;
E alguns que respondem: "Não! os bons atos —
Como o culto, a penitência, a esmola — devem ser cumpridos!"
Ouve agora a Minha sentença, Melhor dos Bharatas!

4 Está bem exposto, ó Perseguidor dos teus Inimigos!
A renúncia é de forma tríplice,
E o Culto, a Penitência, a Esmola não devem ser interrompidos;
Não, devem ser feitos com alegria; pois todos esses três
São águas purificadoras para as almas verdadeiras!

5 Porém, mesmo essas altas obras devem ser praticadas
Renunciando ao apego, e a todo fruto
Produzido pelas obras. Este é o Meu juízo, Príncipe!
Este o Meu decreto insuperável e fixo!

6 Abster-se de uma obra prescrita pelo direito
Nunca é conveniente! Abster-se assim brota
Da "Treva", e a Ilusão o ensina.
Abster-se de uma obra penosa para a carne,
Quando alguém diz "É desagradável!", isso é nulo!
Tal homem age por "paixão"; nenhum ganho
Obtém a sua Renúncia! Mas, Arjun!,
Abster-se do apego à obra,
Abster-se da recompensa na obra,
Enquanto ainda a faz com toda a fidelidade,
Dizendo "É justo fazê-lo!", isso é ato "verdadeiro"
E abstinência! Quem cumpre assim os deveres,
Sem se afligir se a sua obra falha, sem se lisonjear
Se ela tem êxito, justificado no seu próprio coração,
Livre de debates e dúvidas, o seu é ato "verdadeiro":
Pois, estando no corpo, ninguém pode ficar
Inteiramente à parte da ação; porém, quem se abstém
Do proveito dos seus atos é abstinente.

7 O fruto dos trabalhos, nas vidas vindouras,
É tríplice para todos os homens — Desejável,
E Indesejável, e misto de ambos;
Mas não há fruto algum onde não houve obra.

[8] Ouve de mim, Senhor de Longos Braços!, os cinco fatores
Que entram em cada ato, ensinados no Sankhya
Como necessários. Primeiro a força; depois
O agente; a seguir, os vários instrumentos;
Em quarto, o esforço especial; em quinto, o Deus.
Qualquer obra que um mortal faça
Com o corpo, a mente ou a fala, má ou boa,
Por estes cinco a faz. Sendo isto assim,
Quem, por falta de conhecimento, se vê a si mesmo
Como o único ator, nada sabe
E nada vê. Por isso digo: se alguém —
Mantendo-se à parte do eu — com mente sem mancha
Matasse toda aquela hoste, tendo recebido ordem de matar,
Não mata; não fica preso por isso!

[9] O conhecimento, a coisa conhecida e a mente que conhece,
Estes fazem o tríplice ponto de partida do ato.
O ato, o ator e o instrumento,
Estes fazem o tríplice total da ação.
Mas o conhecimento, o agente e o ato diferenciam-se
Por três qualidades divisoras. Ouve agora
Quais são as qualidades que os dividem.

10 Há o Conhecimento "verdadeiro". Aprende que é este:
Ver uma só Vida imutável em todas as Vidas,
E no Separado, Um Inseparável.
Há o Conhecimento imperfeito: aquele que vê
As existências separadas à parte
E, sendo separadas, as tem por reais.
Há o Conhecimento falso: aquele que se apega cegamente
A um como se fosse tudo, sem buscar Causa,
Privado de luz, estreito, e obtuso, e "escuro".

11 Há a Ação "reta": aquela que, sendo prescrita,
É feita sem apego, sem paixão,
Pelo dever, não por amor, nem ódio, nem ganho.
Há a Ação "vã": aquela que os homens perseguem
Ansiando por satisfazer desejos, impelidos
Pelo sentido do eu, com esforço que tudo absorve:
Esta é de Rajas — apaixonada e vã.
Há a Ação "escura": quando alguém faz uma coisa
Indiferente às consequências, indiferente ao dano
Ou à injustiça para outros, indiferente a se fere
A sua própria alma — é de Tamas, negra e má!

12 Há o agente "reto". Aquele que age
Livre de egoísmo, humilde, resoluto,
Firme, o mesmo na boa ou na má sorte,
Contente de fazer o que é reto — esse age "verdadeiramente".
Há o agente "apaixonado". Aquele que trabalha
Por impulso, buscando proveito, rude e ousado
Para vencer, sem disciplina; escravo alternadamente
Da tristeza e da alegria: esse é de Rajas!
E há os malfeitores; de coração frouxo,
De mente baixa, obstinados, fraudulentos, negligentes,
Obtusos, lentos, desanimados — filhos da "treva".

13 Ouve também, do Intelecto e da Firmeza,
A tríplice separação, Príncipe Conquistador!,
Como estes são separados pelas Qualidades.

14 Bom é o Intelecto que compreende
O sair e o voltar da vida,
O que se deve fazer e o que não se deve fazer,
O que se deve temer e o que não se deve temer,
O que prende e o que emancipa a alma:
Esse é de Sattwan, Príncipe!, da "veracidade".
Defeituoso é o Intelecto que, conhecendo o bem
E conhecendo o mal, e o que é bom fazer
E o que não se deve fazer, contudo nada compreende
Com mente firme, nem como é a verdade calma:
Este é de Rajas, Príncipe!, e "apaixonado"!
Mau é o Intelecto que, envolto em trevas,
Olha o mal como bem e vê todas as coisas
Ao contrário da Verdade. Ó Filho de Pritha!
Esse é de Tamas, "escuro" e desesperado!

15 Boa é a firmeza pela qual o homem
Domina as batidas do coração, o próprio sopro
Da vida, a ação dos sentidos; fixo
Numa fé e piedade nunca abaladas:
Essa é de Sattwan, Príncipe!, "veraz" e bela!
Manchada é a firmeza pela qual o homem
Se agarra ao seu dever, propósito, esforço, fim,
Por amor da vida e do amor aos bens a ganhar,
Arjuna! é de Rajas, marcada pela paixão!
Triste é a firmeza com que o tolo
Se apega à sua preguiça, à sua tristeza e aos seus medos,
À sua loucura e ao seu desespero. Esta — Filho de Pritha! —
Nasce de Tamas, "escura" e miserável!

16 Ouve ainda, Chefe dos Bharatas!, de Mim
As três espécies de Prazer que existem.

17 Bom Prazer é o prazer que perdura,
Afastando a dor para sempre; amargo a princípio
Como veneno para a alma, mas depois
Doce como o sabor de Amrit. Bebe dele!
Ele brota no contentamento profundo do Espírito.
E o Prazer doloroso brota do laço
Entre os sentidos e o mundo dos sentidos. Doce
Como Amrit é o seu primeiro sabor, mas o último
Amargo como veneno. É de Rajas, Príncipe!
E imundo e "escuro" é o Prazer que brota
Da preguiça, do pecado e da loucura; no princípio
E no fim, e em todo o caminho da vida
Desnorteando a alma. É de Tamas, Príncipe!

18 Pois nada vive na terra, nem entre os deuses
No céu mais alto, que não tenha o seu ser preso
A estas três Qualidades, formadas pela Natureza.

19 A obra dos Brâmanes, dos Kshatriyas, dos Vaisyas
E dos Sudras, ó Matador dos teus Inimigos!,
É fixada em razão das Qualidades
Plantadas em cada um:

20 As virtudes de um Brâmane, Príncipe!,
Nascidas da sua natureza, são a serenidade,
O domínio de si, a religião, a pureza,
A paciência, a retidão, o saber, e conhecer
A verdade das coisas que são. O orgulho de um Kshatriya,
Nascido da sua natureza, vive no valor, no fogo,
Na constância, na habilidade, no ânimo na luta,
Na mão aberta e no porte nobre,
Como de um senhor de homens. A tarefa de um Vaisya,
Nascida com a sua natureza, é lavrar a terra,
Cuidar do gado, arriscar-se no comércio. O estado de um Sudra,
Conforme à sua natureza, é servir.

21 Quem cumpre — diligente, contente —
A obra que lhe foi destinada, seja ela qual for,
Alcança a perfeição! Ouve como um homem
Acha a perfeição, estando assim contente:
Acha-a pelo culto — feito pela obra —
Àquele que é a Fonte de tudo o que vive,
Àquele por Quem o universo foi estendido.

22 Melhor é a tua própria obra, ainda que feita com falha,
Do que fazer a obra de outros, mesmo excelentemente.
Não cairá em pecado quem enfrenta a tarefa
Que a mão da Natureza lhe pôs! Que nenhum homem deixe
O seu dever natural, Príncipe!, ainda que traga censura!
Pois toda obra tem censura, como toda chama
Está envolta em fumaça! Só alcança
A perfeita cessação da obra aquele cuja obra foi feita
Com a mente sem grilhões, a alma completamente dominada,
Os desejos mortos para sempre, os resultados renunciados.

23 Aprende de mim, Filho de Kunti!, também isto:
Como alguém, alcançando a paz perfeita, alcança
BRAHM, o supremo, a mais alta altura de todas!

24 Devoto — com o coração tornado puro, refreado
Num senhoril domínio de si, renunciando aos encantos
Do canto e dos sentidos, livre do amor e do ódio,
Morando nas solidões, frugal no comer,
Com o corpo, a fala e a vontade domados para obedecer,
Sempre votado à santa meditação,
Liberto das paixões, livre do Eu,
Da arrogância, da impaciência, da ira, do orgulho;
Livre do que o rodeia, quieto, sem nada lhe faltar —
Tal homem cresce até à unidade com o BRAHM;
Tal homem, tornando-se um com BRAHM, sereno,
Não se aflige mais, não deseja mais; a sua alma,
Amando igualmente tudo o que vive, ama bem
A Mim, que os fiz, e Me alcança.
Por este mesmo amor e culto Me conhece
Como Eu sou, quão alto e maravilhoso,
E, conhecendo-Me, entra logo em Mim.
E quaisquer obras que faça — fixo
Em Mim, como no seu refúgio —, ganhou
Para todo o sempre, pela Minha graça,
O Repouso Eterno! Assim ganha tu! Nos teus pensamentos
Faze tudo o que fazes por Mim! Renuncia por Mim!
Sacrifica-Me o coração, a mente e a vontade!
Vive na fé em Mim! Na fé em Mim
Vencerás todos os perigos, pela Minha graça;
Mas, confiando em ti mesmo e sem atender,
Só podes perecer! Se hoje dizes,

Confiando em ti mesmo: "Não lutarei!",
Vão se mostrará o propósito! as tuas qualidades
Impelir-te-iam para a guerra. O que evitas,
Enganado por belas ilusões, buscá-lo-ias
Contra a tua vontade, quando a tarefa viesse a ti
Despertando os impulsos postos na tua natureza.
Vive um Mestre nos corações dos homens
Que faz as suas ações, por sutis cordéis que puxa,
Dançar ao som que ELE quer. Com toda a tua alma
Confia Nele, e toma-O como teu socorro, Príncipe!
Assim — só assim, Arjuna! — ganharás —
Pela graça Dele — o repouso supremo,
O Lugar Eterno!

25 Assim te foi aberta
Esta Verdade das Verdades, o Mistério mais oculto
Do que qualquer mistério secreto. Medita!
E — como quiseres — então age!

26 Não! mas mais uma vez
Recebe a Minha última palavra, tem o Meu sentido supremo!
Precioso és para Mim; muito bem-amado!
Escuta! Digo-te isto para teu consolo.
Dá-Me o teu coração! adora-Me! serve-Me! apega-te
Com fé, amor e reverência a Mim!
Assim virás a Mim! Prometo-o em verdade,
Pois és doce para Mim!

27 E deixa ir esses —
Ritos e deveres escritos! Foge só para Mim!
Faze de Mim o teu único refúgio! Libertarei
A tua alma de todos os seus pecados! Tem bom ânimo!

28 [Esconde, diz o santo Krishna,
Isto daquele que não tem fé,
Daquele que não adora, nem busca
O ensinamento da Sabedoria quando ela fala:
Esconde-o de todos os homens que zombam;
Mas, onde quer que, no meio do rebanho
Dos Meus amantes, alguém ensine
Esta fala diviníssima e sapientíssima —
Ensinando na fé, para levar
A verdade a eles, e oferecendo
Toda a honra a Mim —,
A Brahma chega esse!
Sim, e em parte alguma achareis
Qualquer homem de toda a humanidade
Que faça obra mais querida para Mim;
Nem haverá ninguém mais querido
Na Minha terra. Sim, e mais ainda:
Quem ler de novo este diálogo,
Tido por Nós na planície,
Ponderando-o com piedade e de bom grado,
Prestou-Me sacrifício!
(Assim fala Krishna!)
Sim, e quem, cheio de fé,
Ouve com sabedoria o que ele diz,
Ouve com mansidão — quando morrer,
Seguramente o seu espírito subirá

Àquelas regiões onde os Benditos,
Livres da carne, repousam na alegria.]

29 Ouviste isto, ó Príncipe da Índia!,
Com a mente atenta? toda a ignorância —
Que gerou a tua perturbação — desapareceu, meu Arjun?

Arjuna

30 A perturbação e a ignorância foram-se! a Luz
Chegou até mim, pelo Teu favor, Senhor!
Agora estou firme! a minha dúvida fugiu!
Segundo a Tua palavra, assim farei!

Sanjaya

31 Assim recolhi a fala graciosa de Krishna, ó meu Rei!
Assim contei, com o coração a vibrar, esta coisa sábia e maravilhosa,
Escrita pelo saber do grande Vyasa: como o próprio Krishna deu a conhecer
O Yoga, sendo o Senhor do Yoga. Assim se mostra a alta verdade!
E sempre, quando me lembro, ó Senhor meu Rei, de novo
De Arjuna e do Deus em diálogo, e de todo este canto santo,
Grande é a minha alegria: quando medito naquele esplendor, além da palavra,
De Hari, visível e claro, não há língua que alcance
A minha maravilha, o meu amor e a minha bem-aventurança. Ó Príncipe Arqueiro! salve!
Ó Krishna, Senhor do Yoga! por certo não faltarão
Bênção, e vitória, e poder, por amor de Ti, o Poderosíssimo,
Onde se cantar este canto de Arjun, e de como ele falou com Deus.

Une Sacra · edição 1.8 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0